

LIBERTAÇÃO NACIONAL: AGORA!

- 1 — Nosso povo saberá honrar suas gloriosas tradições e lutar hoje pela Paz e a efetiva independência nacional.
- 2 — A guerra nos bate às portas: dinheiro e marinheiros do Brasil para a agressão de Truman contra o heroico povo coreano.
- 3 — No caminho das lutas revolucionárias contra a colonização estrangeira, a guerra imperialista e a ditadura fascista.

COMENTARIO NACIONAL

Campanha Eleitoral e Lutas e Organização do Povo

O Manifesto de 1.º de Agosto adverte que, diante do crescimento das lutas e do amadurecimento político do povo, "os politiquinhos vacilam ainda, entre o golpe de Estado e a realização de eleições em regime ditatorial: sem liberdade de imprensa, sem direito de reunião, sem direito de Associação política para a classe operaria.

E é evidente. Os politiquinhos enfrentam o crescente desprestígio diante das massas, que já não se deixam facilmente arrastar pela sua demagogia e que estão compreendendo que todos esses senhores, quaisquer que sejam os rotulos que vistam, são incapazes de resolver os problemas do povo. Os politiquinhos sentem que, por cima de sua vontade, o povo começa a fazer sentir o que quer.

Por cima da vontade dos atuais dominadores, que tentam agora enviar nossos marinheiros para a guerra imperialista de agressão contra o povo coreano, que preparam 20 mil soldados brasileiros para a morte na Coreia pelos miliardários de Wall Street, nosso povo afirma sua vontade de paz assinando em massa o humanitário Apelo de Estocolmo. Por cima dos desejos das classes dominantes, da violência dos exploradores, a classe operaria levanta novas lutas contra a exploração, realiza maior numero de greves, ao mesmo tempo que também lutam os camponeses nas fazendas de café por maiores salários e melhores contratos. Fazem greve os estudantes, lutando pelo direito à instrução e contra arbitrariedades. Protestam os sargentos, apesar das violências dos generais fascistas, contra a entrega de nosso petróleo aos trustes, contra a Lei de Segurança e contra a guerra atomica. Lutam os oficiais pela melhoria de seus vencimentos, pelo novo código de vantagens sabotado pelos agentes de Dutra no Congresso.

Nessas lutas que surgem, ainda iniciais e algumas vezes espontaneas, o povo demonstra o que deseja e aprofunda o desmascaramento dos politiquinhos serviais do imperialismo, que vão sendo obrigados a confessar, em meio às promessas de vespaldas de eleições, que estão todos a favor de Truman e da guerra imperialista contra a paz e a soberania nacional, a favor dos capitalistas e latifundiários contra os operários e camponeses a favor do terror fascista contra o povo. E' diante das lutas populares que os demagogos se vêem obrigados a identificar-se como inimigos jurados do povo, perdendo cada vez mais as possibilidades de ainda iludir as massas com suas promessas eleitorais. Assim, todos eles se desmascaram como criminosos de guerra, quando aplaudem e executam as violências contra a campanha pela interdição da arma atomica, em evidente desespero diante do milhão e meio de brasileiros que, ao assinarem o Apelo de Estocolmo,

(Conclui na pág. 11)

OS comunistas e todos os verdadeiros patriotas comemoram este 7 de setembro lutando e organizando novas lutas de libertação nacional. Herdeiros dos heróis e mártires da Independência, os comunistas erguem hoje, de forma mais elevada, os mesmos ideais de todos os nossos antepassados que sempre lutaram, sem desfalecimentos, contra todos os invasores e colonizadores estrangeiros, contra todos os tiranos, para construir uma pátria livre e proletariata.

A bandeira dos comunistas é a do histórico Manifesto de Agosto, a das lutas revolucionárias pelo Poder Democrático Popular sindicadas pelo Cavaleiro da Esperança. É o povo que fez a guerra contra os invasores holandeses, que despedaçou o juízo do colonizador português que lutou na Cabanada e na Revolução Prajeira, que produziu a Coluna Levista, organizou a Aliança Nacional Libertadora e a Insurreição de 1935, que é capaz de produzir heróis populares como Tiradentes, Frei Caneca, Henrique Dias e Prestes, saberá lutar agora, mais e melhor, sob a direção dos comunistas, para alcançar sua libertação nacional e social.

Na verdade, nosso povo não alcançou ainda sua verdadeira independência com o grito de "Independência ou Morte." As velhas classes, que dominavam no país antes do 7 de Setembro de 1822 — os grandes proprietários de terras e grandes comerciantes — não foram derrubadas do Poder. Ajudadas à burguesia industrial, que se formou posteriormente, passaram a se submeter cada vez mais aos interesses de novos colonizadores estrangeiros que já hoje oprimem nosso povo com maior brutalidade que os antigos colonizadores portugueses.

Neste momento, pesa sobre o nosso país a ameaça de colonização total. Os monopólios anglo-americanos dominam os ramos principais de nossa economia e saqueiam nossas riquezas. Nossas forças armadas vão ficando cada vez mais subordinadas ao comando dos generais de Truman. Mil e quinhentos soldados ianques já desembarcaram no Recife para ocupação de suas bases militares. Outros, fardados ou à paisana, vão chegando ao Nordeste e a outros pontos estratégicos do país. Todos os departamentos do governo tráfico de Dutra trabalham sob os ordens dos espíões de Wall Street.

Nunca, em nossa história, a traição dos governantes, dos senhores das classes dominantes, foi mais brutal e mais descarada. São piores que Calabar, mais infames que Joaquim Silveira dos Reis.

Mas nosso povo não quer submeter-se ao colonizador ianque. Como os nossos antepassados, não toleraremos em nosso território o invasor estrangeiro a seremos implacáveis com os traidores que lhes abrem as portas do país. Estamos diante de um dilema: ou lutamos agora com maior energia pela libertação nacional, pelo esma-

(Conclui na 11.ª pág.)



Organizemos os Comitês Democráticos de Libertação Nacional

JOAO AMAZONAS
(LEIA NA PAGINA CENTRAL)

VOZ OPERÁRIA





Os Povos Exigem um Fim à Selvageria lanque na Coreia

VOZ
das AMÉRICAS

★ CUBA

A embaixada dos Estados Unidos tem sido visitada constantemente por delegações de jovens que manifestam seu protesto contra as aventuras militares norte-americanas na Coreia.

★ EE. UU.

Os meios oficiais dos Estados Unidos anunciam que estão feitos os preparativos para a prisão de 12.000 comunistas e elementos progressistas norte-americanos. A imprensa democrática americana aponta esta declaração como mais uma medida fiscalista do governo de Truman.

★ MEXICO

Na cidade do Mexico foi realizado um grande comício dos partidários da paz no qual fizeram uso da palavra numerosos líderes populares mexicanos, entre os quais o dirigente sindical Lombardo Toledano. Os oradores exortaram os partidários da paz a recolherem durante o mês de setembro 2 milhões de assinaturas ao Apelo de Estocolmo.

★ URUGUAI

Milhares de operários que se encontram em greve por aumento de salários há varias semanas realizaram uma poderosa manifestação diante de uma usina metalúrgica, a Egan resistindo ao assalto da polícia uruguaia e empenhando-se em luta corporal com os policiais.

O deputado e líder sindical Enrique Rodriguez encontrava-se no lado dos operários.

★ NICARAGUA

Surgem protestos em todo o país contra a decisão do ditador Somoza de ajudar os imperialistas ianques na guerra da Coreia.

★ CHILE

Os próprios meios oficiais da ditadura Videla anunciam que o custo de vida no país subiu de forma alarmante nos últimos 6 meses, elevando-se 70 por cento, entre fevereiro e julho. Já anteriormente a situação dos trabalhadores chilenos era de miséria mais completa, agravando-se dia a dia.

COREIA

O Exército Popular está conquistando novas e grandes vitórias sobre os invasores norte-americanos. Estes foram expulsos do porto estratégico de Pohang e de Longchon. Taegu está cercada. Continua a ofensiva na costa de Masan, visando diretamente o último porto em poder dos agressores: Pusan.

ESTADOS UNIDOS

O correspondente da revista "News Week", órgão dos monopólios norte-americanos, enviou informações da Coreia nas quais ressalta a população coreana odia as intervenções americanas. Diz o correspondente: "Os coreanos compreendem que os norte-coreanos lutam pela independência da Pátria e que os soldados norte-americanos assassinam o povo coreano". O correspondente destaca que milhares de coreanos do sul ingressam entusiasmadamente no Exército Popular para ajudar a expulsão dos invasores norte-americanos.

ITALIA

Realizam-se em todo o país homenagens a imprensa comunista. Em Milão, Roma, Turim e Gênova foram realizadas grandes manifestações e comícios. Durante os atos os delegados da Associação de Ajuda à Imprensa Comunista fizeram entrega ao "L'Unità" do dinheiro recolhido.

AUSTRIA

O Comitê dos Partidários da Paz informa que a 1.ª do corrente já haviam sido coletadas 710.000 assinaturas no Apelo de Estocolmo. Na Capital austríaca, mais de 300.000 pessoas haviam subscrito o apelo para proibição das armas atômicas.

BULGARIA

No próximo dia 20 serão inaugurados os trabalhos do Congresso dos Partidários da Paz da Bulgária.

RUMANIA

O patriarca da igreja ortodoxa rumena enviou uma mensagem ao Conselho de Segurança protestando contra as brutalidades cometidas pelas tropas americanas na Coreia.

U. R. S. S.

Foi acolhido com grande entusiasmo o decreto do Conselho de Ministros a respeito da construção da nova central hidro-elétrica de Estalingrado, a maior do mundo.

Levanta-se em todo o mundo um coro de vozes indignadas contra um dos crimes mais monstruosos que conhece a história: o assassinato em massa de cidadãos pacíficos na Coreia praticado pelos norte-americanos. Uma proposta soviética foi apresentada há algumas semanas no Conselho de Segurança da ONU exigindo a cessação imediata dos bombardeios indiscriminados das populações civis da Coreia. Mas os americanos e seus cúmplices na agressão armada impedem a simples discussão da proposta cuja aprovação urgente o mundo reclama.

Enquanto isso, na medida em que aumenta o furor dos invasores derrotados, multiplicam-se os atos de banditismo contra o povo coreano. As próprias agências telegráficas dos trustes se vangloriam do arrasamento de cidades e vilas da Coreia. O comando americano dividiu o país em zonas para trituração sistemática das cidades. Diariamente os comunicados oficiais do gangster Mac Arthur anunciam o bombardeio de localidades coreanas, nas quais, ninguém ignora, permanecem apenas velhos, mulheres e crianças, uma vez que todos os homens válidos — e grande número de mulheres heróicas — estão na frente de batalha defendendo a pátria contra o invasor estrangeiro.

Mas os imperialistas ianques já perceberam que não podem dominar a Coreia. Então procuram, numa tória de canibais, eliminar do mapa o pequeno e heroico país. Um cão de fila dos imperialistas na imprensa de Wall Street, John Osborne, correspondente de guerra na Coreia, escrevia no "Time" de 21 de agosto:

"Hoje em dia temos na Coreia mais homens e mais armas do que mandamos para a invasão da África do Norte em novembro de 1942... nós temos o maior peso em a mar em terra, no mar e no ar. Mas esta é uma guerra especialmente terrível. Ela não poderá ser vencida — efetivamente vencida — por meios militares apenas". E a seguir, Osborne cita os atos de selvageria praticados pelos norte-americanos e seus asseclas na Coreia: "Para conseguir vencê-la, não é somente necessário

evitar uma derrota final, mas também fazer com que nossos homens pratiquem nos campos de batalha atos e gestos da maior selvageria. Isto significa não apenas a selvageria inevitável dos campos de batalha mas a selvageria em tudo. A destruição de cidades onde o inimigo PODEM estar escondido; o canhoneio de refugiados onde PODEM estar também os coreanos do norte com o traje branco comum dos camponeses... Existe ainda a selvageria por procuração, a selvageria da polícia e fuzileiros sul-coreanos, dos quais nós dependemos para contacto com a população... Estou simplesmente descrevendo os fatos elementares na guerra da Coreia" E conclui narando o que observou entre as tropas sob comando dos invasores americanos: "Eles matam para se livrar do trabalho de transportar os prisioneiros para a retaguarda; eles matam civis simplesmente para afastá-los do caminho, para evitar o aborrecimento de persegui-los e revistá-los. E eles a-rancam informações... por meios tão brutais que não podem ser descritos".

São, assim, os próprios salteadores norte-americanos, com a pena de seus mais fieis escribas, que confessam os atos de gangsterismo praticados contra o povo coreano. Atos que os vivos ferozes do sr. Austin, no Conselho de Segurança não conseguem ocultar. Atos que se repetem na Gecia e na Manchuria, nas Filipinas e em Porto Rico, onde quer que o imperialismo ianque trate de aterrorizar as massas e estender a guerra de agressão e conquista, procurando implantar ou manter a dominação dos magnatas de Wall Street.

Contra as ações de bandidos dos traficantes de guerra do governo Truman se ergue a consciência dos povos exigindo a cessação imediata não só dos bombardeios indiscriminados contra as populações civis, mas da guerra que desencadearam contra os povos da Ásia e que ameaça envolver o mundo.

A retirada imediata das tropas estrangeiras da Coreia! — é o caminho para a solução pacífica do problema coreano, afastando a mais grave ameaça à paz mundial verificada desde o termino da segunda guerra.

OS EE. UU. CONTRA A PAZ

A proposta soviética em favor da solução pacífica da questão da Coreia foi infamemente torpedeada pelos Estados Unidos. Na reunião de 6 do corrente do Conselho de Segurança da ONU, o representante americano Austin e seus dóceles sequazes impediram a aprovação do unico projeto para solução pacífica do problema coreano, o qual determinava a cessação imediata das hostilidades e a retirada das tropas norte-americanas que invadiram a Coreia.

Que revela a oposição dos Estados Unidos à proposta da URSS, senão a propósito já denunciado de ampliar a guer-

ra na Ásia? Senão a confirmação de que os imperialistas de Wall Street, na sua luta de dominação mundial, visam em ultima análise impedir a libertação dos povos coloniais e dependentes e mantê-los oprimidos e explorados?

Os Estados Unidos demonstraram o seu desprezo pelos pequenos povos impedindo, como ainda propunha o projeto de resolução soviética, que representantes do povo coreano assistissem aos debates de uma questão que lhes diz respeito, uma questão de vida ou morte. Esta a realidade que as palavras hipócritas de Truman, Acheson ou Austin não conseguem esconder ou dissimular.

GUDERIAN SERVE A TRUMAN

O ex-general Guderian, ex-chefe do Estado Maior de Hitler, criminoso de guerra posto em liberdade pelos norte-americanos, continua a colaborar ativamente com seus novos amos. A idéia de revanche contra a União Soviética é a obsessão desse carrasco nazista. Em sua ultima colaboração na revista americana "United States News and World Report", Guderian dá lições aos novos candidatos à dominação mundial, sugerando-lhes:

"Como outras nações, a Alemanha também deve ter um chefe militar em Fontainebleau, OQ do Pacto do Atlantico. Com soldados alemães, ou poderia derrotar um inimigo três a cin-

co vezes superior em número". Como se vê, o monstro, com a sua sanfarruolhada, esqueceu bem cedo o esmagamento da Wehrmacht pelo Exército Vermelho e a ocupação de Berlim pelos combatentes soviéticos. Esquece também que além da Alemanha ocidental ocupada pelos imperialistas, existe a República Alemã, hoje uma força ao lado da União Soviética.

Mas não deixa de ser curioso observar que o monstro nazista, novamente a serviço da guerra, esquece ainda que a história pode se repetir, porém em outras condições: com o esmagamento completo e definitivo de todos os forjadores de guerra, de forma que se Hitler ainda deixou herdeiros, Truman não os deixará. Tudo o monturo será varrido.

Impera o Fascismo nos EE. UU.

Em nosso país, a Embaixada dos Estados Unidos está distribuindo em questionário que se destina a pregar o suborno em troca do abandono da luta pela liberdade, a democracia e o progresso do país. Tal questionário foi divulgado inicialmente pela emissora "Voz da América", que difundiu a mais sordida propaganda fascista pelo mundo. E faz perguntas cretinas capciosas como estas:

— Que preferis? Um governo que ofereça segurança econômica e possibilidade de boa renda ou um governo que ofereça eleições livres, liberdade de palavra, de imprensa e de religião?

Como se houvesse antagonismo entre uma e outra coisa. Mas a propaganda norte-americana trata de convencer as massas do contrario, oferecendo-lhes insidiosamente "conforto" em troca de liberdade, como fazia Hitler. O imperialismo ianque, na sua sede de dominação mundial, procura em todas as partes as lutas de

classe operaria e as lutas de libertação nacional nos países ainda dominados pelo capitalismo. Aqui estão alguns fatos que mostram a fascização crescente dos Estados Unidos, e fascismo já em mascara na terra de Lynch:

1 — Todos os líderes nacionais do Partido Comunista estão processados através de uma farsa do tipo nazista. Eugene Dennis, Secretario Geral do P. C. norte-americano, encontra-se preso, condenado a 1 ano. Há ordem de prisão contra os demais dirigentes comunistas.

2 — Varios intelectuais progressistas se encontram encarcerados, entre eles um romancista mundialmente famoso: Howard Fast. Estão presos também os famosos cenaristas de Hollywood: John Lawson e Dalton Trumbo, condenados pela organização fascista lanque "Comissão de Atividades Anti-americanas do Senado, sob o pretexto de serem "desrespeitados e Comunistas". O "desrespeito" que

assistiu em se recusarem a responder se eram ou não comunistas.

3 — Todos os comunistas ou "suspeitos" são obrigados a filiar-se no Federal Bureau of Investigation — a malta de gangsters chefiada por Edward Hoover que põe em prática métodos terroristas que superam os da Gestapo alemã. O FBI mantém sob vigilância 13 milhões de cidadãos norte-americanos. Dos 150 milhões de habitantes dos Estados Unidos 110 milhões têm hoje ficha dactiloscópica no FBI.

4 — As greves nos Estados Unidos são hoje consideradas crime. Truman aplica a lei-fascista Taft-Hartley contra os operários em greve, demitindo-os em massa ou encerrando-os. Ainda há poucos dias as estradas de ferro dos Estados Unidos foram ocupadas militarmente porque os operários se declararam em greve por aumento de salários. Também dessa forma Hitler proibiu os brancos dos grandes emp-

presas patronais contra os operários.

5 — Todos os comunistas ou "suspeitos" — quer dizer, todos os cidadãos progressistas — são proibidos de sair ou entrar nos Estados Unidos. Ainda há pouco o famoso cantor Paul Robeson teve seu passaporte assado quando desejava participar de um congresso de defesa da paz no exterior.

6 — Em Long Island, onde está localizada a chamada "Estátua da Liberdade", há um verdadeiro campo de concentração de homens e mulheres considerados "indesejáveis" pelas autoridades norte-americanas e que aguardam ordem de deportação. É um espetáculo permanente no país de Al Capone e Dillinger.

Estes fatos falam por si. E explicam a farsa sucreria de Wall Street, o assalto infame contra o povo coreano e as novas ameaças de uma guerra mundial da quadrilha de Truman-Acheson-Foster-Dalton.

Redobremos de Esforços Para Obter os 4 Milhões de Assinaturas

PEDRO POMAR

Um milhão e meio de assinaturas foram obtidas no Brasil para o Apelo de Estocolmo do Comitê Permanente do Congresso dos Partidários da Paz. Esse Apelo exige a interdição da bomba atômica, reclama o rigoroso controle dessa medida e considera criminoso de guerra o primeiro governo que utilizar, não importa contra que País, esta arma de extermínio maciço das populações. É pois uma importante vitória a que acaba de alcançar o Movimento Nacional contra a bomba atômica e pela paz, do nosso País. É uma poderosa demonstração da força dos sentimentos de paz do povo brasileiro, da amplitude do caráter unitário da campanha. Mobilizou o povo sem distinção de qualquer espécie. Pessoas das mais diferentes tendências, classes e idades, personalidades destacadas de nossa vida social, cultural e político e homens e mulheres simples do povo subscreveram o Apelo de Estocolmo com o maior entusiasmo. Costumávamos dizer que os brasileiros são anões da paz, que odeiam as guerras de conquista, mas a manifestação de seus anseios não se havia traduzido de modo tão inequívoco nem se materializado de forma tão clara como agora. O primeiro milhão e meio de assinaturas em favor da Paz revela a possibilidade de "nossa maior contribuição à causa da paz e da segurança internacionais, de transformarmos em lutas mais altas a campanha encetada e de abriremos o caminho que nos conduzirá rapidamente à libertação

nacional e social do povo brasileiro. Ele é também uma advertência aos provocadores de guerra e ao governo traidor de Dutra para que não suponham ser fácil arrastar nosso povo à carnificina nem fazer de nós um solo praça de armas do imperialismo americano.

Subestimar portanto a importância e não compreender o significado do milhão e meio de votos do Brasil ao Apelo de Estocolmo é grave erro.

Vale notar que essa quantidade de assinaturas foi dada suammodo em meio da vida da humanidade quando a paz pende por um fio, quando o imperialismo americano passa aos atos de agressão, bombardeando e matando as cidades e vilas do povo correntino, que luta heroicamente por sua unidade e independência. Isto quer dizer que o nosso povo toma consciência cada dia maior do perigo de guerra, de que a luta pela paz é a tarefa decisiva dos dias que vivemos. O milhão e meio de assinaturas foi conquistado num instante grave da vida nacional, quando o dilema da guerra ou da paz, da escravidão ou da independência, da tirania ou da liberdade mais se aguçava, como diz Prestes no seu histórico manifesto de 1.º de agosto, num instante em que os partidários da guerra e já reação procuram enganar as massas com falsas soluções para seus problemas e quando a ofensiva policial fascista se acentua contra o movimento dos partidários da paz e da inde-

pendência da Pátria. Aliás, nada melhor para avaliar o sucesso da campanha, de sua crescente repercussão, do que constatar o fator impotente da ditadura de Dutra e de seus lacaios da polícia e da imprensa que se atiram com violência e calúnias no propósito de impedir a coleta de assinaturas ao Apelo e a realização de Conferências e Congressos de Paz. O governo de assassinos a serviço dos imperialistas ianques, comprometido com a guerra, preparando a fobrlmente, pegado com a mão na botija, demanda-se, faz circulares secretas, manda ordens aos seus titereiros Estados, a fim de barrar a marcha ascendente do movimento dos partidários da paz. A reação enfim nos ensina a não alimentarmos ilusões sobre o que serão capazes de fazer no seu desespero os provocadores de guerra e agentes dos imperialistas americanos.

E para os que subestimam a sensibilidade das massas populares, o fato do Apelo de Estocolmo ter recebido um milhão de assinaturas após a agressão imperialista ianque à Coréia, prova que eles não têm razão. Por isso devemos ligar cada vez mais a campanha de assinaturas com a luta de protestos contra a intervenção americana e evitar por todos os meios a remessa de qualquer coisa para a guerra de rapina dos colonizadores ianques no País Irmão da Ásia, especialmente o envio de 20.000 brasileiros para o sacrifício em holocausto a Wall Street. Isto porque está ficando

patente aos olhos do povo que os agressores e intervencionistas ianques querem expandir a guerra e ameaçam com bombas atômicas aos povos que se opõem aos seus objetivos de domínio mundial.

Enfrentando as perseguições policiais, mas cheios de iniciativa e de abnegação, apesar de ainda desorganizados, os patriotas ianques querem expandir a ram a resposta calorosa de um milhão e meio de brasileiros em poucos meses. São as mais diversas as formas empregadas para a coleta dessa assinatura, destacando-se a dos comandos de casa em casa, dos grupos coletivos que aos domingos visitam os bairros, as feiras os logradouros públicos são apoiados pela massa.

Temos pois, nós os comunistas, inteira razão de saudar entusiasmadamente o primeiro milhão e meio de assinaturas ao Apelo de Estocolmo. Mas esta vitória deve servir a todos os partidários sinceros e combatentes da causa da paz para um balanço do resultado de nossos esforços de nossas experiências e perspectivas. Estamos convencidos de que tem uma rotura profunda com a substituição do perigo de guerra, e sem uma valorização devida das imensas possibilidades e forças do campo da paz e da democracia no mundo e em nosso País, sem liquidarmos com essas debilidades políticas, sem isso não ganharemos audácia, não nos livraremos ainda mais corretamente as massas, não multiplicaremos as organizações do povo nem teremos capacidade de

7 dias NO BRASIL

PROTESTO DA C. T. B.
A Confederação dos Trabalhadores do Brasil divulgou um protesto contra o brutal espancamento, na polícia carioca, de ferroviário José Alba Sanchez, preso quando participava de uma Conferência de defesa da paz. A CTB conclui os trabalhadores a que "se manifestem energeticamente contra os crimes cometidos contra os irmãos de classe", e conclama o povo a intensificar a luta pela paz.

NOVA PRESIDENTE
A Federação de Mulheres do Brasil, em sessão a que compareceram centenas de suas filiadas, deu posse à sua nova presidente, srta. Branca Fialho, ue substituiu a incontestável lutadora anti-fascista D. Alice Tibiriçá, recentemente falecida.

ANULADA A CONCESSÃO
Em consequência do movimento popular de repúdio ao nazista Herbert Cukur, criminoso de guerra responsável pelo assassinio de mais de 30.000 judeus no "ghetto" de Riga, o sr. Mendes de Moraes foi obrigado a cassar a concessão que generosamente dera ao criminoso de guerra, para explorar o serviço de barquinhos na Lagoa Rodrigo de Freitas.

ATO FASCISTA
Por ordem do Ministro da Guerra, general Canrobert Pereira da Costa, o sargento Luiz Carrion Roland da Silva foi expulso das fileiras do Exército, pelo "crime" de ter-se congratulado, como presidente da Casa do Sargento do Brasil, com a congênera de São Paulo, pela realização de uma conferência sobre petróleo, patrocinada pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. Declara o ministro de Dutra, em nota à imprensa, que aquele membro das nossas forças armadas pretende transformar a Casa do Sargento em "propagandista de idéias que, como é do conhecimento público, são de origem comunista".

O ato arbitrário indignou profundamente os componentes daquela entidade, tendo sua diretoria divulgado uma nota, solidarizando-se com o presidente atingido pela medida fascista.

LIDO O MANIFESTO
O Manifesto de Prestes, lançado a 1.º de agosto, conclamando o nosso povo à luta revolucionária pela libertação nacional, a paz e a liberdade, acaba e ser lido da tribuna de mais cinco Câmaras Municipais do Estado de São Paulo: Poá, Jaboticabal, Amparo, Presidente Bernardes e Junópolis respectivamente pelos vereadores Augusto Rodrigues Waldemar Bernardes da Fonseca, Paulo Sampaio, José da Silva Guerra e João Batista Antunes Martins.

SURRADOS OS IANQUES!
Dois americanos alcoolizados, dando vazão ao seu ódio ao nosso povo, percorriam as ruas da Capital bahiana, dirigindo gestos e palavras obscenas às senhoras que encontravam. Na praça Castro Alves, transformaram em mistério as escadas de um edifício. Numerosos populares, indignados com a insolência dos "gringos", cercaram na Ladeira de São Bento aplicaram-lhes boa surra.

Defender Prestes como a um Irmão ou a um Filho

VOZ OPERÁRIA
Diretor Responsável:
WALDIR DUARTE
Av. Rio Branco, 257
17.º and., s-1711 e 1712
R. de Janeiro. — D.F.
B R A S I L

A farsa imunda prossegue. Sentindo que o processo nazilianque contra o Cavaleiro da Esperança se transforma, por força do apoio popular ao grande líder, no próprio julgamento dos "quislings" das classes dominantes, a ditadura

tenta levar a farsa adiante passando por cima do depoimento de testemunhas que, em todo o mundo se apresentam para depor sobre as lutas patrióticas de Prestes e seus companheiros. Instaurando o processo infame, Dutra e seus pa-

trões ianques tiraveis dos seus lacaios no judiciário tentam impedir que se levantem para acusar os perseguidores de Prestes, vozes entre as quais incluem personalidades de projeção mundial como o famoso Willard, o reverendo Hewlett Johnson, deão de Canterbury, o general Cardenas, ex-presidente do México, o escritor Juan Marinello, presidente do Partido Socialista Popular de Cuba.



Essas vozes se apresentam para depor sobre uma vida de lutas que é a condenação implacável da situação de miséria e de fome em que as atuais classes dominantes jogam o nosso povo, o protesto veemente contra a entrega de nossa terra à colonização ianque e contra a venda do sangue de nossa juventude para aventuras criminosas das feras de Truman contra a liberdade e a independência dos povos. "A História e os povos do mundo vos fitam vigilantes, Luiz Carlos Prestes é amado como o foram Washington e Lincoln" — grita uma grande voz aos perseguidores de Prestes de dentro do próprio centro da reação mundial, dos Estados Unidos de onde vêm os ordens para perseguir o Cavaleiro da Esperança. É a voz de Michael Gold, o grande escritor progressista norte-americano. "É preciso defender o nosso Prestes como se defende um irmão ou um filho" — conclama outra voz mundialmente conhecida, a da escritora antifascista alemã, Ana Seghers.

vê arrostar todos os perigos e lutar, sem medir sacrifícios, em defesa da vida de nossos filhos irmãos, pela independência de nossa pátria e a libertação de todos os explorados e oprimidos, saberá defender o nosso Prestes, como se defende um pai ou um filho.

E que melhor maneira de defende-lo senão reunindo organizadamente as grandes massas da cidade e do campo, em torno de Prestes, em torno de sua voz de comando e lutando como nos ordena o Manifesto de Janeiro para colocar nas mãos do povo a solução dos problemas do próprio povo? Lutemos, pois, mais e mais, com audácia e espírito ofensivo, seguindo as palavras de ordem do Manifesto de Agosto, exigindo em todas as oportunidades a liberdade de Prestes e de seu Partido heroico.

É assim que se expressa a solidariedade mundial dos povos ao dirigente querido de nosso povo que, perseguido pelos cães policiais de Truman e Dutra, está à frente das massas mostrando-lhes o caminho das lutas revolucionárias pela paz e a libertação nacional. E nosso povo, que ama Prestes, não

JESUITA E MASSACRADOR

Durante algum tempo o jesuita Milton Campos, agente do imperialismo e da ditadura do governo de Minas, tentou fingir de democrata. Para impressionar os simplórios, andava à noite a pé pelas ruas de Belo Horizonte, a fim de estabelecer contraste com o odiado Benedito, que só andava cercado de uma malta de policiais. Mas, logo em seguida o povo mineiro se capacitava de que entre um e outro não havia diferença. Com os olhos no Banco do Brasil, na ilusão de arranjar crédito com o tirano Dutra para o seu governo retrogrado e de entrega das riquezas de Minas aos americanos, Milton Campos se desmascarou com um inimigo do povo. Cumpriu os ordens do Catete e dos americanos com um servilismo sem igual. Agora chega ao fim do governo caracterizado como o que realmente é, um Jesuíta que manda derramar o sangue do povo, colocando-se sempre por detrás das cortinas, como se nada tivesse mandado fazer. Os fatos se encarregaram de arrancar-lhe a máscara impiedosamente.



do Banco do Brasil ou do Export And Import Bank, não valendo em derramar o sangue do povo em luta pela liberdade, pela paz, por melhores condições de vida. Porque não é outro o sentido que têm as prisões, os espancamentos, a ocupação de praças e ruas da capital mineira por tropas da polícia militar e da aeronáutica, por ocasião do encerramento do Congresso Contra a Bomba Atômica ali realizado, por cima da vontade de Milton Campos e de outros lacaios do imperialismo e da ditadura.

O INIMIGO Nº 1
Getúlio e, sem dúvida, um dos mais ativos defensores do latifúndio que há no País. O latifúndio é o atraso e o roubo e Getúlio quer precisamente perpetuar esse estado de coisas, com sua longa experiência de reprimir a ferro e fogo os anseios das massas.

Em 1931, visando salvá-lo dos efeitos da crise, Getúlio deu um bilhão de cruzeiros aos grandes proprietários de terras, fortuna tabulosa para a época, quando o orçamento da República não chegava a dois bilhões. Tirou esse dinheiro dos trabalhadores do campo, aos quais prometera

terra, crédito e ferramentas. Além de perdoar as dívidas dos fazendeiros e encher-lhes os bolsos, facilitou o enriquecimento, da noite para o dia, a milhares de intermediários dessa grossa negociação.

Agora, na excursão eleitoral ao norte, Getúlio promete aos trabalhadores do campo, famintos de terra, dar-lhes um quilômetro de terra. Mas como? Chamando os camponeses a tomarem posse do que de direito lhes pertence e dividindo os latifúndios? Não! O farsante e fascista do Estado Novo, o latifundista nº 1 dos homens do campo, jamais faria isso, nem mesmo por demagogia, pois seria uma demagogia perigosa para ele. O estancieiro de Itu diz que vai doar terras do Estado a quem as queira. Isso quer dizer que Getúlio não admite que se toque nos latifúndios, de que é defensor e representante típico. Ele mesmo um grande latifundiário no Rio Grande, e acena com promessas falazes. Primeiro, porque o Estado já não tem terras em condições para doar. Segundo porque essa mesma promessa o farsante fez na sua plataforma de 1930, na Esplanada do Castelo, e jamais cumpriu nem cumpriria.

Getúlio, com isso, pensa enganar os camponeses. Mas estes, por sua própria experiência, sabem muito bem que é pela força, hoje e não amanhã, que têm de tomar a terra aos grandes proprietários usurpadores, responsáveis pela miséria, a fome e o aniquilamento físico remanescentes no interior do Brasil.

LEIA, DIVULGUE E ASSINE PROBLEMAS

As Decisões do Bureau Do Congresso Mundial



1 — UM COMITÊ encarregado da preparação do Congresso será designado e funcionará o mais cedo possível na Grã-Bretanha. Esse comitê se comporá de dois ou três representantes designados por cada um dos seguintes países: Grã-Bretanha, URSS, França, Itália, Estados Unidos, China.

2 — PROPOSTAS de candidaturas para o Bureau do Comité Mundial serão feitas o mais rapidamente possível pelos seguintes países: Grã-Bretanha, Itália, Estados Unidos, URSS. Recomendações pela ampliação das delegações nacionais serão encaminhadas na base desse exemplo a todos os comitês nacionais.

3 — DELEGAÇÕES compostas de três ou quatro

personalidades serão enviados à Austrália, e aos países escandinavos para ajudar a preparação do Congresso.

4 — UMA campanha de coleta de fundos será empreendida em todos os países para assegurar o financiamento do Congresso e as despesas ocasionadas pelo envio das delegações. Essa campanha se levará a termo simultaneamente no plano mundial e nacional. A décima parte dos quantias recolhidas no plano nacional será levada ao Comité Mundial para a constituição do Fundo mundial da Paz.

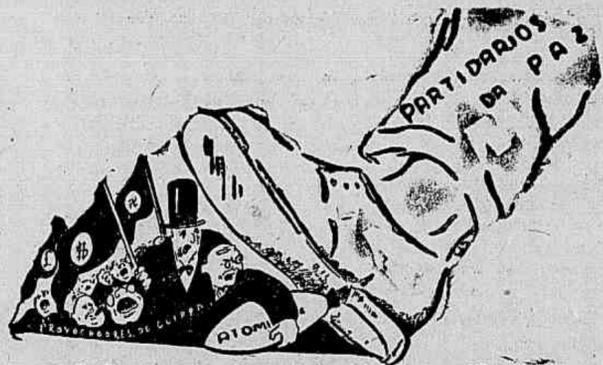
5 — A EDIÇÃO bimensal da revista PARTIDARIOS DA PAZ será continuada. Melhoramentos serão levados ao conteúdo da revista por meio de um reforçamento do aparelho de redação e uma melhor colaboração dos comitês nacionais. Uma maior difusão da revista deverá ser obtida pela constituição de novos centros de edição da revista, notadamente para os países de língua inglesa.

6 — O SECRETARIADO fica encarregado da aplicação das presentes decisões.

Moção endereçada ao Conselho de Segurança e aos governos

O Bureau do Comité Mundial dos Partidários da Paz, reunido no momento em que se desenrola uma guerra na Coreia, consciente do terrível perigo de generalização que contém esse conflito, comovido pelo numero considerável de vítimas e de destruição causadas pelos bombardeios em massa das populações civis, pede com insistência ao Conselho de Segurança que procure a regulamentação definitiva desse conflito, de conformidade com as aspirações, nas bases seguintes:

- cessação imediata dos bombardeios das populações civis;
- suspensão das hostilidades;
- retirada de todas as tropas estrangeiras;
- ciência das duas partes em causa,



O Bureau do Comité do Congresso Mundial dos Partidários da Paz por essa proposição, está certo de reduzir a vontade de centenas de milhões de homens e mulheres. Está igualmente convencido de exprimir a aspiração quase unânime dos povos do mundo inteiro para a manutenção e a consolidação da paz.

Pelo Bureau
(ass.) — Frédéric Joliot-Curie

ACAO em defesa da PAZ

Convocado Para Novembro O 2.º Congresso Mundial Dos Partidários da Paz

- 1 — Bases para a conquista de uma paz real e duradoura
- 2 — Novas e urgentes tarefas para os partidários da Paz
- 3 — Denúncia da agressão armada onde quer que ela se verifique

APÊLO DE CONVOCAÇÃO

Centenas de milhões de homens e de mulheres congregaram-se e continuam a se congregarem em torno do Apelo de Estocolmo. Em nome desses homens e mulheres, o Bureau do Comité Mundial dos Partidários da Paz convoca o II Congresso do Movimento, de 13 a 19 de novembro, na Grã-Bretanha.

A recente agravação da situação internacional que põe diretamente em causa a paz do mundo, impõe aos homens da paz deveres novos e mais urgentes do que nunca.

Os partidários da Paz prosseguem sua ação pela interdição das armas atômicas e se pronunciam novamente pela redução geral e controlada dos armamentos de todas as naturezas, cujo aumento agrava o perigo de guerra e impõe aos povos os mais pesados sacrifícios.

Os partidários da Paz denunciam a agressão onde quer que se produza e condenam a intervenção armada do estrangeiro nos assuntos internos dos povos. Exigem a cessação de tais intervenções em toda parte em que se realizam.

Os Partidários da Paz saudam e apoiam as iniciativas pacíficas já tomadas para cessar a guerra da Coreia, que constitui o foco mais perigoso do conflito geral. Protestam com energia contra os bombardeios em massa de que são vítimas as populações pacíficas.

Os Partidários da Paz exigem que o Conselho de Segurança, compreendendo os representantes das cinco grandes potências, tratem imediatamente da regulamentação desta questão pelos meios pacíficos dando às duas partes em causa a possibilidade de se fazerem ouvir.

Os Partidários da Paz exigem a proibição de todas as formas de propaganda favorável à guerra em todos os países.

Chamamos todos os homens de paz no mundo a instituir amplos debates públicos sobre estas propostas e a eleger os que transmitirão sua voz ao II Congresso Mundial.

Apelamos a todos os agrupamentos políticos, sindicais, culturais, sociais e religiosos, às mulheres, à juventude e a todas as pessoas que desejam preservar a paz no mundo para que participem do cumprimento destas tarefas, quaisquer que sejam suas convicções políticas, a fé que as anima, ou a filosofia que defendam.

Estamos conscientes da força que representa desde agora o imenso congregarmento realizado em torno do Apelo de Estocolmo, e que deve prosseguir e se ampliar ainda mais. Podemos medir a eficácia da luta empreendida. Assim, foram dados os primeiros passos, outros se seguirão que podem e devem dar aos povos a paz duradoura a que aspiram.

Essa paz não pode ser imposta pela força das armas. Ela será conquistada pela ação concertada e em massa dos homens e das mulheres da boa vontade, ação capaz de fazer triunfar a razão e a justiça.

Pelo Bureau
(ass.) — Frédéric Joliot-Curie

Realizou-se em Praga, entre 16 e 18 de agosto uma importante reunião do Bureau do Comité Mundial Permanente dos Partidários da Paz. A mais importante resolução adotada pelo Bureau é a convocação do Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz, que ficou marcada para a Grã-Bretanha, entre 13 e 19 de novembro próximo.

O Segundo Congresso não será um simples encerramento da campanha lan-

çada em Estocolmo pela proibição das armas atômicas. Ele visa mesmo o prosseguimento cada vez mais energético dessa campanha humanitária e atribuirá novas e importantes tarefas aos combatentes da paz em todo o mundo. Mas não é só isso. Com o agravamento da situação internacional e o aumento do perigo de guerra, motivado principalmente pela invasão da Coreia pelas tropas norte-americanas, o bloqueio e a ocupação militar da ilha Formosa, além da intervenção aberta na Indochina e Filipinas por par-

te dos Estados Unidos impõem-se novas formas de luta em defesa da paz, levantando-se naturalmente novas exigências para deter a agressão.

Assim é que o Apelo saído da reunião do Bureau em Praga apresenta três novas bases sobre as quais podem se unir e organizar mais amplamente ainda todos aqueles que querem a paz. Essas bases são:

- 1 — A redução geral e controlada dos armamentos de qualquer natureza.
- 2 — A proibição de todas as formas de propaganda



em favor da guerra, em qualquer país.

3 — A denúncia da agressão, onde quer que ela se verifique, e a condenação da intervenção estrangeira nos assuntos internos dos povos.

Este último objetivo levou o Bureau do Comité Mundial dos Partidários da Paz a apoiar as iniciativas já tomadas a fim de deter a guerra na Coreia, levando o Comité sua própria contribuição ao problema pelo envio de uma moção ao Conselho de Segurança da ONU, o qual será também enviado aos governos dos diversos países.

As propostas da reunião de Praga constituem assim a base política sobre a qual devem desde já se organizar as assembleias populares e se iniciarem os debates públicos nos quais serão escolhidos os delegados ao II Congresso Mundial dos Partidários da Paz.

Urge, pois, intensificar a campanha de coleta de assinaturas pela proibição das armas atômicas, fazendo-a vitoriosa em nosso país, atingindo os 4 milhões o mais rapidamente possível, ampliando a frente dos combatentes da paz e preparando as bases da nossa participação honrosa no Segundo Congresso — que será o ponto de partida de uma luta decisiva para deter a guerra e salvar a humanidade da catástrofe.

A História Aponta ao Nosso Povo o Caminho da Luta Revolucionária de Masass

NOSSO POVO TEM diante de si grandes tarefas a realizar. Ainda não cumpriu a missão histórica de sua libertação, mas para isso possui não somente um poderoso instrumento de luta como um passado rico de tradições para inspirar as ações revolucionárias das massas. O instrumento de luta quem oferece ao nosso povo é Luiz Carlos Prestes, no seu Manifesto, e esse instrumento é o Programa

da Frente Democrática de Libertação Nacional. A história, de nossa vida de nação, desde as primeiras manifestações contra o colonizador, até as lutas de nossos dias contra o imperialismo e a ditadura de Dutra, está cheia de lutas populares, na maioria das quais as forças armadas e o povo se uniram no mesmo anseio de libertação.



1 A VOZ QUE SERA OUVIDA

NUM dos Apelos do Manifesto de Agosto, escreve o Cavaleiro da Esperança:

"Soldados e Marinheiros! Os operários e camponeses são vossos irmãos — não vos prestais a instrumento de um governo de traição nacional que manda atirar no povo para poder mais facilmente entregar o Brasil aos imperialistas. Luta dentro do quartel e do navio contra as brutalidades e as perseguições, contra a disciplina fascista, pelo direito de reunião e de dis-

cussão dos vossos problemas, pelo direito à melhor alimentação. Luta pelo governo democrático popular que vos assegurará o direito à instrução e ao livre acesso ao oficialato do Exército Popular de Libertação Nacional. Luta contra a guerra imperialista e não participeis como instrumento dos generais fascistas na perseguição ou na ação terrorista contra os filhos do povo que estão lutando pela independência do Brasil

2 LUTAR SEMPRE E NÃO DOBRAR A CABEÇA

O período das lutas armadas contra a dominação holandesa em nosso país é um dos mais ricos mananciais de experiências para combates que se avizinharam contra a ocupação de nosso país pelos americanos, que são os imperialistas mais agressivos

ras pertenciam a todas as condições sociais e todas as raças. Os negros e mulatos lutavam ombro a ombro com brancos e índios. Os sacerdotes ao lado dos fleiteiros, as mulheres ao lado dos maridos. Entre os heróis das lutas armadas que se travaram da Ba-

entre os invasores. A Marcha de Luiz Barbalho constitui um dos maiores feitos de nossa História política e militar. É uma epopeia só comparável pelo seu arrojo e pelo seu efeito à Grande Marcha de Mao Tze Tung e Shu Teh à frente dos revolucionários chineses, ao glorioso feito Hatalista dos guerrilheiros de Kovpack que da Ucrânia aos confins do Cáucaso, sempre na retaguar-

do do invencível general de 26 anos de idade. Siqueira Campos, Djalma Dutra, Anibal Benevolio, Mario Portela Fagundes, Pedro Bins, Trifino Corrêa, oficiais, sargentos e soldados, são figuras que pertencem à História porque jamais mediram sacrifícios, lutando em todas as circunstâncias e levando de vitória em vitória,

com um número reduzido de homens, as tropas rebeldes. A coluna é um exemplo de que homens dispostos à luta, guiados por um ideal, defendendo uma causa justa, difíceis que sejam as condições, e vencem a por fim se sabem ligar às massas, ensinar-lhes e com elas aprender.

4 DOS CAMPOS DE BATALHA AOS BANCOS DOS JARDINS

Em fevereiro de 42 fomos agredidos em nossas águas pelos corsários do Eixo, com a cumplicidade da tirania de Vargas, que girava na órbita de Hitler, Mussolini e Hirschito, e a colaboração dos espíões nazi-integralistas que apontavam nossos navios aos torpedeamentos. O povo brasileiro souu à rua e, depois de memoráveis manifestações populares e estudantis, a ditadura de Vargas se viu forçada a declarar guerra aos bandidos nazi-fascistas. Nosso povo ganhou as ruas e adquiriu novas experiências de luta. Exigiu e fez demitir o "quisling" Felinto, depredou casas dos assassinos de nossos irmãos, pôxou-as, apontando os espíões ao ortlo dos patriotas, castigou nas ruas os traidores nazi-integralistas e caçou-os como cães danados, criou formas de luta contra a espionagem, tomando medidas contra as atividades da quinta-coluna nas quais era cúmplice o governo. Respondemos às agressões em que perderam a vida centenas de compatrio-

tas, preparando e enviando para a Itália, com o desvelado apoio da frente interna liderada pelos comunistas, a Força Expedicionária Brasileira e as praças deram provas de nossa fibra. Mas de volta da guerra, traidores pelas classes dominantes e pelos seus governos inimigos da guerra patriótica e compassas desmascarados do nazismo, foram os ex-combatentes lançados ao abandono. Feita a desmobilização, aos praças só foram oferecidos empregos infamantes, como o de "tira", nenhuma assistência organizada por parte do Estado lhes foi dada, nenhuma garantia compensadora do sacrifício que fizeram. E hoje, o que se vê, numa demonstração viva dos horrores da guerra, são ex-expedicionários mendigando, dormindo nos bancos de jardins e nos albergues onde repousam miseráveis, são ex-expedicionários desmemoriados, tuberculosos, aleitados, portadores de doenças de guerra vagando pelas ruas, ou inutilizadas na CRIFA, onde os jogou a ditadura e os deixa passar as piores privações



HENRIQUE DIAS, FERNANDES VIEIRA E FELIPE CAMARÃO, heróis do povo brasileiro na luta pela expulsão do invasor holandês do Nordeste

das de novo tempo. A Holanda era o nação mais forte da época, a maior potência econômica, a mais rica e mais bem armada. O Brasil era uma pobre colônia sem armamentos e sem estar completamente desfruida como nacionalidade. Mas os brasileiros preferiram ficar com a sua terra fraca e sem recursos como era então, a dobrar a cabeça e cair de joelhos perante o invasor holandês. Os homens que se uniram para lutar contra os expansionistas vindos de outra ter-

ria no Rio Grande do Norte, agigantou-se a figura do mestre de campo Luiz Barbalho. Luiz Barbalho é o maior de todos os guerrilheiros dos embates contra os Holandeses. Luiz Barbalho é o chefe, o organizador persistente, o herói da grande marcha de 400 leguas que, à frente de dois mil homens empreendeu de Porto de Touros, no Rio Grande do Norte, onde desembarcou suas tropas, até a Bahia, efetuando sortidas, surpreendendo o inimigo a todo instante causando sempre terríveis devastações

da inimiga, acessaram e derrotaram os nazistas, ou a Marcha da Coluna Invicta de Prestes, guardadas as proporções e as épocas em que se realizaram. Para citar um só entre os combates travados por Luiz Barbalho digno companheiro de armas de Fernandes Vieira, André Vidal, Camarão e Henrique Dias, citaremos o do Engenho Muriboca, em Pernambuco, onde o guerreiro insistiu à frente de 170 homens, enfrentou com bravura e maestria 1.200 soldados holandeses.



O povo brasileiro encontra na sua História e na sua vida atual todos os elementos para conquistar o espírito ofensivo, o flama revolucionária, a bravura e a firmeza necessárias a atender aos apelos empolgantes de Prestes e levar à prática o seu Programa de ação

5 SÍNTESE DAS ASPIRAÇÕES DE TODOS

imediate e de luta concreta. Eis o Ponto 9 do Programa de Prestes, em que o Cavaleiro da Esperança chama à formação do Exército Popular de Libertação Nacional:

"Expulsão das forças armadas, de todos os fascistas e agentes do imperialismo e imediata reintegração em suas fileiras dos militares delas afastados por motivo de sua atividade democrática revolucionária. Livre acesso das praças de pré ao oficialato de suas respectivas corporações. Armamento geral do povo e reorganização democrática das forças armadas, na luta pela libertação nacional e

para a defesa da nação contra os ataques do imperialismo e de seus agentes". Síntese das aspirações de todos, o Programa de Libertação Nacional é em nossos dias o único caminho. Ele e nenhum outro abre a todos os verdadeiros patriotas e democratas uma perspectiva de paz, de independência e progresso para o Brasil.



3 A MARCHA GLORIOSA DA COLUNA

Mas nenhum feito militar de nossa História ainda sobrepuiu a Marcha da Coluna Invicta por 30 mil quilômetros, partindo de Santo Angelo, no R. Grande, e atravessando o Brasil de sul a norte. Os dois mil homens da Coluna marcharam de a combater, venceram tropas quinze

vezes superiores, derrotam mais de uma dezena de generais governistas. Nesses feitos extraordinários, pela concepção militar e bravura sem limites, começou a resplandecer, iluminando os rincões da Pátria, o genio de Luiz Carlos Prestes. Ao seu lado se destacaram fiéis combatentes da liberdade, sob o comando

ORGANIZEMOS Os Comitês Democráticos de Libertação Nacional

Prestes apresentou no seu Manifesto de 1.º de Agosto um programa revolucionário de 9 pontos, que sintetiza as aspirações da maioria esmagadora de nossa população e a todos convocou para a luta por esse programa e pela criação de COMITÊS DEMOCRÁTICOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

"Chamamos a todos os trabalhadores das cidades e do campo, manuais e intelectuais, homens e mulheres — diz Prestes — para a ação e para a luta por esse programa revolucionário e a todos convocamos para organizarem, sem perda de tempo, no país inteiro, amplos COMITÊS DEMOCRÁTICOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL".

Que são os Comitês Democráticos de Libertação Nacional indicados por Prestes? Como e onde devem ser organizados? Em que consiste sua atividade?

Os Comitês Democráticos de Libertação Nacional são organismos de frente única agrupando indistintamente a todos os brasileiros que se dispõem a lutar pela paz, pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular. Eles devem ser organizados em toda a parte, nas fábricas e nas fazendas, nas escolas e repartições públicas, nos quartéis e nos navios, nos bairros, nas aldeias e povoados.

Sua constituição deve ser simples e democrática e não depende da autorização ou aprovação de quem quer que seja. O patriota que leu e aceitou o programa de Prestes pode tomar a iniciativa de reunir seus amigos ou companheiros de trabalho ou de cêsnria e constituir um comitê amplo que será o núcleo de atividade democrática e nacional-libertadora. Não será difícil, após um trabalho de divulgação e agitação do Manifesto de Prestes numa empresa ou bairro, por exemplo, reunir as massas trabalhadoras e populares para o debate dos problemas levantados no Manifesto e, em torno do programa nele contido, estruturar com todos os que o desejem, um COMITÊ DEMOCRÁTICO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, cuja direção será indicada democraticamente pela própria massa. E' porém, na luta de massas em defesa das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores e do povo em geral, é na ação energética contra os provocadores de guerra e os lacaios do imperialismo que oprimem nosso povo e vendem nosso país, que, mais facilmente, se conseguirá organizar amplos e poderosos COMITÊS DEMOCRÁTICOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

Os Comitês criados devem essencialmente propagar a solução revolucionária dos problemas brasileiros e articular as grandes massas para a luta pela vitória do programa apresentado por Prestes. Por isso mesmos os Comitês não devem ser confundidos com organizações criadas para fins determinados como, por exemplo, as Comissões de Salários, as Seções Sindicais nas empresas, etc. Estas devem existir e são importantes para a luta específica a que se destinam. Os Comitês têm um objetivo mais amplo: eles

JOAO AMAZONAS

agrupam as massas em torno do programa revolucionário de 9 pontos do Manifesto de 1.º de Agosto. Mas, articular as massas para lutar pela vitória desse programa, significa defender de maneira prática e objetiva as reivindicações específicas e gerais nele contidas.

Seria estranho pensar que a atividade dos Comitês deve cingir-se à prestação revolucionária formal ou à arteficial estreita de revolucionários para as batalhas desvivas.

Os COMITÊS DEMOCRÁTICOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL devem colocar-se à frente de todas as lutas do nosso povo.

"E' na luta diária — diz Prestes — pelas reivindicações mais imediatas e sensíveis das massas, sempre em íntima ligação com a luta pela paz e a independência nacional que se reforçará e ampliará no país inteiro, a F.D.-L.N."

Defendendo o programa revolucionário, os Comitês devem colocar-se à frente das amplas ações de massa contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia; defendendo o programa revolucionário, os Comitês devem levantar vigorosamente a luta por aumento de salários e pelas reivindicações dos camponeses; defendendo o programa revolucionário, os Comitês devem levar as massas à luta contra a lei de segurança, contra o terrorismo policial, contra o processo que a justiça americana de Dutra move a Prestes e outros dirigentes comunistas. Defendendo o programa revolucionário, os Comitês devem desmascarar os reacionários e demagogos que pretendem enganar o povo no pleito de 3 de outubro, ao mesmo tempo que devem pugnar pela vitória, onde se apresentem, dos candidatos nacional-libertadores. Enfim, a tarefa dos Comitês é realizar um amplo trabalho de massas intimamente ligado à popularização e realização prática do programa do Manifesto de Prestes.

E' evidente que os Comitês serão organizados contra a vontade da reação. Compreende-se, porém, que os operários e camponeses não irão pedir licença ao patrão, ao fazendeiro ou à polícia para organizarem seus Comitês Democráticos de Libertação Nacional, do mesmo modo que os soldados e marinheiros não irão pedir licença aos generais e almirantes. Os Comitês devem ser organizados pela massa e para a massa e serão respeitados na medida em que se apoiem nas grandes ações de massa.

Organizemos, pois, e imediatamente Comitês de Libertação Nacional em todos os setores de atividade e no país inteiro. Isto significa não ficar apenas na propaganda ou na aceitação verbal do programa apresentado por Prestes, mas iniciar a luta sob todos os aspectos e por todos os meios possíveis, pela solução dos problemas fundamentais do nosso povo.



A Cabanada UMA PÁGINA DE HEROISMO

A Cabanada figura na história das lutas populares do Brasil entre as que oferecem feitos de heroísmo individual e coletivo. Não é por acaso que os historiadores das classes dominantes trataram sempre de negligê-la e de salientar o terror revolucionário ora sequentemente posto em prática, quase sempre, pelos chefes cabanos. Só de passagem deixam transparecer que a cabanada teve sua origem na terrível exploração das massas trabalhadoras do campo e das cidades do extremo Norte, sendo, portanto, uma luta de classes.

O movimento insurrecional cabano que se iniciou em 1835 se destaca em nossa história não somente pela sua extensão mas também pela sua profundidade. Abrangeu milhares e milhares de explorados das grandes fazendas do Baixo e do Alto Amazonas, negros escravos e sobretudo índios, que formavam a camada mais numerosa e mais oprimida da população do Pará e da ilha de Marajó.

LUTA PELA TERRA

O açomê Handelmann, que historiou a Cabanada, olhando embora do ponto de vista das classes dominantes do Brasil, foi obrigado a reconhecer nela "uma guerra de despossuídos de bens contra os que possuíam bens", a "guerra dos sem terra (índios em sua maioria) contra os proprietários de terras (em sua maioria brancos, portugueses)". "Camponeses em sua quase totalidade" — é como outro historiador das classes dominantes, Demétrio Antonio Rayol, caracteriza os cabanos. Lutavam eles, portanto, contra os "buidos", os ricos portugueses que monopolizavam as riquezas amazônicas, contra os "caranurus", partidários da restauração de Pedro Primeiro

e interessados no restabelecimento do predomínio estrangeiro, português, mas principalmente contra os grandes proprietários de terras, os senhores de escravos, os barões feudais e os grandes fazendeiros das margens do Tocantins e da ilha do Marajó. Embora localizada no extremo Norte, os cabanos tinham perspectivas nacionais para o seu movimento insurrecional. Os cabanos sempre defenderam integralmente a unidade nacional, e toda a sua prática era no sentido da união de todas as províncias contra o jugo opressor estrangeiro.

TÁTICA DE GUERRILHAS

E porque sabiam claramente porque lutavam, o movimento foi impetuoso, violento, revolucionário. Contando embora com a perioridade numérica oficial sobre as forças inimigas, faltava-lhes entretanto armamento e munição que lhes assegurassem uma superioridade absoluta sobre o inimigo, que combatiam. Além disso, sua agitação de movimentos era dificultada pela falta de abastecimentos alimentícios e transportes.

A luta dos cabanos teve que ser assim, principalmente uma luta de guerrilha. E foi uma luta de guerrilha das mais amplas, os cabanos podiam realizar com vantagens: contavam com desmedida simpatia popular, não só no exterior, mas em outras partes do país, "até no Ceará", segundo testemunho insuspeito do marechal Almeida.

Os chefes cabanos, entretanto, não se destacaram verdadeiros heróis populares como Angelim e Vinagre, tinham consciência de não dirigir seus comandamentos em feitos cada vez mais audazes. Ter a iniciativa dos ataques era um de seus

princípios táticos. Assim, mantinham na tropa o espírito da ofensiva, procurando surpreender sempre o inimigo. Outro princípio tático era guardar o sangue-frio não superestimar os triunfos, a fim de não transformar, por afolteza inútil, a vitória em derrota. Outro princípio tático militar do exército cabano, composto de voluntários pouco afeitos às lutas armadas, era manter a força moral dos chefes sobre os combatentes procurando assegurar a disciplina revolucionária. "Onde estão os chefes rebeldes?" — perguntava Angelim a seus comandados, um de seus famosos manifestos. E respondia: "A' frente de seus companheiros d'armas e sempre nos pontos de maior perigo".

GUERRILHA NA CIDADE

Mas onde reside a maior originalidade da tática militar dos cabanos é na adoção do sistema de guerrilha dentro das cidades. No Mato, sua luta de guerrilhas pouco diferia da adotada

em todos os países, apenas com a peculiaridade de que essas guerrilhas muitas vezes se exerciam dentro d'água, à sombra das matas que marginam os rios e igarapés, contra as embarcações do adversário, uma vez que na região amazônica, naquela época, como ainda hoje, os transportes aquáticos predominavam.

Bons guerrilheiros dos campos os cabanos adotaram também os métodos de guerrilhas para combater o inimigo nas cidades. Diz uma testemunha da luta, referindo-se a Angelim: "Nos pontos que ocupava, tinha já mandado abrir comunicações internas nas paredes e quintais das casas, por onde os rebeldes passavam incólumes de umas para outras. Pelos postigos e fresta das janelas espíavam a gente que os perseguia, e só faziam fogo quando marcavam a vítima que tinham de imolar". Não era possível assim destrua-los. Desapareciam no maior calor das freguesas e reunindo-se mais adiante no mesmo quarteirão ou no imediato punham de novo

em execução o seu costume do sistema de combate. A cidade tinha, então, imensas cercas estacadas de madeiras, que lhes serviam de trincheiras. Colocados por trás das mesmas, faziam pontarias certezas, e raro era o tiro que perdiam. Debandavam logo que se julgavam incapazes de resistir, e na fuga por dentro das casas não podiam ser alcançados, pois nem ao menos eram vistos. A força do governo por mais de uma vez tentou atacá-los, porém viu sempre frustrados os seus esforços diante da presteza com que os fugitivos sumiam-se por lugares escuros, sem deixar vestígios do rumo que tomavam. Chamavam a isto "guerrilha", e assim defendiam em pequenos grupos quarteirões confiados à sua guarda, postando em lugares apropriados sentinelas avançadas e ocultas que lhes davam aviso das ocorrências. Para as sortidas e ataques é que havia fortes colunas de homens escolhidos que se conservavam em pontos determinados, donde só saíam por ordem ex-

"EM CADA REGIÃO DO PAÍS CONTINUA VIVA NO CORAÇÃO DO POVO, DAS GRANDES MASSAS SÓFREDORAS, A MEMÓRIA DE SEUS MARTIRES E HEROIS, DE TIRADENTES A FREI CANECA, DOS CABANOS, DOS FARRAPOS E DOS BALAIOS." (PRESTES)

A CONQUISTA DE BELEM

Foi através de lutas cada vez mais audaciosas, batendo o inimigo onde quer que se apresentasse ocasião, que os cabanos, de vitória em vitória, conquistaram a 14 de agosto de 1835, a cidade de Belem do Pará, feito que desmorteou o adversário e inflamou ainda mais a insurreição popular.

Depois da tomada de Belem, o primeiro ato de Angelim foi reunir o povo e pedir-lhe que aclamasse um chefe. O governo cabano que por nove meses a fio administrou de fato o Pará e o Amazonas foi um governo apolado pelas grandes massas do povo, fruto de suas mais sagradas aspirações de liberdade, independência e bem-estar.

Esmagado pela superioridade de armas do governo monárquico, o movimento cabano deixou exemplos notáveis de heroísmo, abnegação e ímpeto revolucionário. Esmagado porque restrito à massa camponesa, sem uma vanguarda operária que o comandasse de maneira consequente para lutas decisivas, o movimento cabano tem hoje nos comunistas os seus continuadores, numa fase superior de luta: pela revolução agrícola e nacional libertadora, sob a direção, e com a hegemonia do proletariado.

"Nosso povo saberá honrar suas gloriosas tradições e lutará agora pela paz e a independência da pátria com a mesma bravura com que soube lutar em todos os momentos decisivos de nossa história, com que lutou contra a dominação portuguesa e contra todos os invasores estrangeiros, com que sempre lutou pela liberdade contra todos os tiranos" — são palavras do Manifesto de Prestes que nos concham a seguir a linha revolucionária dos cabanos, hoje com todas as condições para a vitória completa e definitiva dos oprimidos sobre os opressores.

reação e os combates parciais que nos levarão à luta vitoriosa pelo Poder e à libertação nacional do jugo imperialista.

Isto quer dizer que para encontrar a solução revolucionária é preciso lutar e não ficar de braços cruzados, é preciso não se limitar às palavras à agitação e à propaganda, mas colocar-se à frente das massas e com coragem e audácia, sem medir sacrifícios, levá-las a formas cada vez mais altas e vigorosas de luta.

Mas para passar das palavras aos atos, da propaganda às ações concretas, é preciso elaborar programas de lutas e aplicá-los com decisão e audácia nas fábricas e nas fazendas em todos os locais de trabalho e de concentração de massas urbanas e camponesas. Prestes ensina o processo para alcançar a solução revolucionária, isto é, "organizando para lutar e aproveitando a luta para organizar, unificando-se as forças populares e rapidamente crescer e estruturar-se, a partir das organizações de base, a grande e poderosa FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL".

Em suma a solução revolucionária exige não um Canápolis, mas muitos Canápolis por todo o Brasil, não uma greve de Lafaiete, apenas, mas em cada fábrica uma greve tão vigorosa como a de Lafaiete, e isto sem receber e sim estimulando a parte que elas se desenvolvam e se generalizem e assumam um caráter mais violento e mais revolucionário.

EXPERIENCIAS DO P. C. U. S. A.

Melhorar Diariamente o Trabalho Entre Intelectuais

G KOROTAEV
(Secretário do Comitê de Riazan do P. C. (b) da U. S. A.)

O Partido de Lenin e Stalin dedica grande atenção à educação dos intelectuais soviéticos. Criou-se em nosso país um imenso exército formado por uma intelectualidade nova, socialista que se distingue fundamentalmente da velha intelectualidade, burguesa, tanto pela sua composição como pelo seu espírito.

E' na aldeia kolkhoziã, na que particularmente se nota o desenvolvimento da intelectualidade soviética. A nossa província de Riazan, em cujas vilas e aldeias se contam atualmente dezenas de milhares de professores, agrônomos, zootécnicos, médicos e outros trabalhadores qualificados, constitui uma brilhante confirmação de nossas palavras. São oriundos, na sua maioria, do melo do campesinato kolkhoziã.

A intelectualidade do campo constitui um fime esteio das organizações do Partido em todo o seu trabalho de construção comunista. A atividade dos intelectuais no campo é grande e multiforme que nenhuma realização importante se processa sem a sua ativa participação. A intelectualidade desenvolve, sob a direção das organizações do Partido, o trabalho de agitação e propaganda, coopera para a difusão das conquistas da ciência soviética e da experiência dos elementos de vanguarda da economia agrícola.

As tarefas relativas ao fortalecimento posterior, orgânico e econômico da kolkhoze (fazenda coletiva), ao desenvolvimento da cultura da agricultura socialista e a educação dos trabalhadores do campo no espírito comunista exigem uma participação ainda mais ativa da intelectualidade da aldeia kolkhoziã na vida social. O dever das organizações do Partido é o de melhorar, por todas as formas, o trabalho ideológico entre os intelectuais e educá-los no espírito do limitado amor à nossa Pátria socialista, ao Partido de Lenin e Stalin.

As organizações do Partido da província de Riazan acumularam alguma experiência de trabalho entre a intelectualidade do campo. A sua atenção principal se acha voltada para o desenvolvimento ideológico da intelectualidade e para que ela fique armada com a teoria marxista-leninista. Todos os intelectuais se entregam atualmente a várias formas de estudo político. Acha-se mais difundido entre os professores,

os agrônomos, os zootécnicos e os trabalhadores da medicina o método fundamental de estudo político — o método autodidático de levantamento do nível político de cada um. No distrito de Sáráiev, por exemplo, 530 intelectuais, num total de 640, estudam auto-didaticamente a história e a teoria do bolchevismo. A situação é a mesma nos demais distritos da província.

Muitos professores, agrônomos e trabalhadores dos estabelecimentos culturais e educativos defendem to ses nos seminários e escrevem ensaios relativos aos trabalhos fundamentais dos clássicos do marxismo-leninismo. Por exemplo a camarada Inkín, administradora da seção cultural da escola Nassutov, do distrito de Mérvín, dirige um centro de consultas para os autodidatas que estudam a História do Partido. Muito se esforça para se manter à altura da posição que ocupa.

As organizações do Partido prestam uma ajuda diária aos intelectuais no estudo da teoria marxista-leninista. As secretarias distritais do Partido realizam com regularidade, no decorrer do atual ano letivo, palestras, conferências, plenários e atos de caráter teórico com os intelectuais. Os conferencistas do Comitê Provincial e dos comitês distritais do Partido realizam sistematicamente conferências destinadas aos que trabalham por si mesmos para desenvolver o seu nível teórico.

Dedica-se uma grande atenção ao trabalho com o professorado e os especialistas agrônomos. Uma vez por mês os professores comparecem à capital do distrito. Ali ouvem conferências e ensaios sobre temas políticos e científicos, assistem às peças teatrais e aos novos filmes soviéticos. Os comitês distritais do Partido de Rybnov e Mirnyailov desenvolvem um interessante trabalho com os agrônomos e os zootécnicos. Convocam, duas vezes por mês, os especialistas da agricultura para seminários de um dia. Nesses serios leem-se informes sobre as conquistas na ciência de Mitchurin, sobre as experiências dos elementos de vanguarda da produção das fazendas coletivas e os agrônomos e zootécnicos relatam de maneira crítica e criadora, os resultados dos seus trabalhos.

A experiência demonstra que as organizações do Partido, (Continua na 10.ª página)

NOTÍCIAS Da União Soviética

ELETRIFICAÇÃO RURAL — Os camponeses soviéticos utilizam a energia elétrica em proporções cada vez maiores, num crescimento que jamais se verificou em qualquer outro país. Em 1945, havia na União Soviética 980 usinas elétricas rurais. Em princípio de 1950 — último ano do atual plano quinquenal — o numero de usinas elétricas no campo se elevava a 28.000.

MAQUINAS AGRÍCOLAS — Em 1949, nos campos da URSS trabalhavam 15.000 máquinas de colher cereais movidas a eletricidade, 3 vezes mais do que em 1945.

MARATONA — Em 15 de julho último, disputaram em Moscou as provas de campeonato de maratona da URSS na distância de 42 quilômetros, 195 metros, centenas e camponeses de corrida a pé dos mais famosos. F. Vanin, de Moscou, herói do esporte soviético, conquistou o título de campeão da URSS, com o tempo recorde de 2 horas, 29 minutos, 9 segundos e 4 décimos.

REFLORESTAMENTO — Uma das mais impressionantes vitórias do trabalho socialista planejado é a realização, num tempo curtíssimo, do plano de 15 anos para reflorestamento de vastas regiões das estepes da Rússia europeia. Esse plano, traçado por Stalin em 1948, aprovado pelo Partido Bolchevique e pelo Conselho de Ministros da

O Guerrilheiro

(Conclusão da 12.ª página)

A vida do herói popular João das Botas é um exemplo de que mais vale morrer do que viver como escravo, a compreensão de que não se pode jamais cair de joelhos ante o opressor. Com o seu espírito ofensivo, o guerrilheiro naval João das Botas protegeu a entrada de rios, fez suspender o bloqueio de pontos vitais, manteve as linhas de comunicações de nossas forças, atacou, na calada da noite embarcações inimigas mais poderosas, fez abordagens audaciosas, desmorteou o adversário pela surpresa, atraiu navios portugueses para as proximidades das praias e, sob a proteção das baterias de costa, deu-lhes combate, forçando-os à fuga com pesadas averrias, toda uma série, enfim, de ações heroicas que pertencem ao patrimônio militar de nossas guerras patrióticas. João das Botas, o guerrilheiro da Independência, o comandante dos marinheiros de Ilaparica, — todos eles gente simples, os filhos do povo a que o general Labatut se referia chamando de "caças perigosas", aqueles mesmos que assaltavam os ricos portugueses inimigos da causa da Independência, incendiando suas propriedades e justificando-os, — foi um dos nossos heróis antepassados que não figuram na História oficial. Mas chegamos no momento em que a nossa História não pode ser mais a História escrita pelas classes dominantes.

URSS, marcha a passos de gigante. Exemplo: a fazenda coletiva "O Dia da Libertação da Crimeia" terminou ainda em 1949 a parte que lhe cabia no plano de 15 anos executando o plantio de árvores protetoras do solo, a fim de liquidar a seca. Em um ano e meio, o kolkhoz "Ucrania" cumpriu o programa de plantação florestal previsto para 15 anos. As mensas estepes mudam de aspecto dia a dia, contribuindo para aumentar os êxitos da agricultura socialista.

Greve das Fábricas

DISCUTIR O MANIFESTO E APLICAR LO EM TODAS AS FABRICAS E EMPRESAS

O MANIFESTO de 1.º de Agosto acentua que "a classe operária precisa simultaneamente organizar-se e unificar suas próprias forças para que possa constituir a grande força motriz capaz de dirigir as demais camadas populares na grande luta pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular".

Como faz-lo? O Manifesto responde: "O eixo da luta diária da ação e do trabalho pertence, que conseguiremos organizar o povo para uma grande batalha. É essa luta diária pelas reivindicações mais imediatas e sensíveis, sempre em íntima ligação com a luta pela paz e a independência nacional, que se reforçará e ampliará no país inteiro a Frente Democrática de Libertação Nacional".

Trata-se, pois, de lutar, de planejar as lutas e desencadear-las imediatamente, hoje e não amanhã. Para cada empresa para cada setor profissional, cada município e Estado é preciso de levantar imediatamente, um programa de lutas, que contenha as reivindicações concretas e mais sentidas em cada local de trabalho e seja ligado ao ponto 7 do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional. É preciso transformar este programa em lutas, em greves e mais greves que, partindo do âmbito da empresa atinja e proletariado de todo um município, de uma região, de um Estado. Mas, em todos os momentos e em todas as circunstâncias é preciso dar à classe operária uma perspectiva clara e revolucionária para as suas lutas. É o Manifesto de Prestes quem dar essa perspectiva. É preciso por isso levar-lo às fábricas e às empresas, discut-lo amplamente nas fábricas e empresas, no curso de cada um dos movimentos reivindicatórios, os comitês democráticos de libertação nacional e condutores dos trabalhadores. É preciso apresentar-lhes e discutir as questões coletivas do manifesto às portas das fábricas durante o horário de refeições dos trabalhadores, nos bairros operários, nas assembleias sindicais. É preciso discutir o Manifesto, ligando-o à situação concreta dos trabalhadores da empresa, mostrando os lucros dos patrões e a situação dos operários, mostrando as novas formas de exploração e opressão sobre a massa trabalhadora, mostrando a ligação existente entre esta situação insuportável e a política de guerra e submissão ao imperialismo tanque, seguida por Dutra e as classes dominantes no país. Mas não basta discutir o Manifesto. É preciso levá-lo imediatamente à prática, isto é, organizar no próprio local da discussão as lutas pelas reivindicações em defesa da paz e pela independência nacional, criando ou ampliando as comissões de reivindicações, os comitês democráticos de libertação nacional e conduzindo a massa ao caminho da greve.

★ SÃO PAULO

OS ATRASADOS OU GREVE — Os operários do município de Salto regressaram ao trabalho, inicialmente vitoriosos, após a realização de vigoroso movimento grevista que durou 5 dias. Os grevistas exigiam o pagamento dos 40% de aumento que os patrões até então não efetuavam. Os grevistas obtiveram a promessa de pagamento até o dia 1.º de corrente.

NA METALURGICA NA DIR FIGUEIREDO — Os operários da "Nadir Figueiredo" mobilizaram-se por aumento de salários e contra o regime terrorista imperante na empresa. Ultimamente foram demitidos trabalhadores que se colocaram à frente dessa luta, mas isso não intimidou os operários que precisam lutar com mais firmeza para não serem reduzidos à escravidão.

RESPONDER AO NAZISTA — Desesperado porque os operários lutam por aumento de salários, contra a bomba atômica e realizam discussões do Manifesto de Prestes, o diretor-técnico da indústria Marjén do Bom Retiro, Moacir Pereira da Silva, ligado ao DOPS de Ademar, desencadeia uma onda de terror contra os trabalhadores. Os operários responderão ao nazista intensificando suas lutas pelas reivindicações, a paz e a libertação nacional.

★ BAHIA

VITORIOSA A GREVE — Terminou a greve dos fluvialários de Juazeiro. Os grevistas só voltaram ao trabalho depois que receberam uma parte do pagamento atrasado. Os fluvialários continuam organizados e vigilantes, dispostos a retornar à greve se o restante dos atrasados não for pago no prazo estipulado.

LUTA NA "CIRCULAR" — Os trabalhadores da empresa



imperialista "LINHA CIRCULAR" já entregaram aos gringos o memorial exigindo aumento de salários e a supressão da assiduidade de 100 por cento. Prepararam-se para ir até a greve, caso não tenham resposta imediata e satisfatória.

INDIGNAÇÃO NA LESTE — Os ferroviários das oficinas da Leste Brasileira, em Alagoinhas, estão revoltados com o regime nazista ali estabelecido pelo carrasco Farquij, páu-mandado de Laurio Farani, candidato de Getúlio ao governo da Bahia.

★ CEARA

100% PARA OS GRAFICOS — Os gráficos de Fortaleza, em reunião de seu sindicato, tomaram a decisão de lutar por aumento de salários de 100 por cento, já havendo entregue memória, neste sentido aos empregadores.

★ MATO GROSSO

PROTESTO CONTRA A EXPLORAÇÃO — Os trabalhadores da Empresa Leão Ribeiro & Cia, de Cofumbá, empresa que monopoliza o abastecimento de carne da cidade, entraram em greve protestando contra o atraso de pagamento de salários e o odioso regime de valores. Voltaram ao serviço com a promessa de pagamento imediato.

Greve de um Dia na ACESITA

No dia 22 do mês passado os trabalhadores da ACESITA — Cia. de Aços Especiais de Itabira, Minas, realizaram uma greve de curta duração, mas que trouxe uma série de experiências para os 1.500 operários dessa empresa imperialista, que é dirigida pelo conhecido agente da "United States Steel", Percival Farquhar.

Há muito tempo as dificuldades dos trabalhadores da ACESITA e de suas famílias vêm se agravando a olhos vistos. As donas de casa sentem que, à medida que passa o tempo, vão faltando novos gêneros essenciais às suas cozinhas. As crianças adoecem com maior frequência.

Diante da situação intolerável a que estão sendo reduzidos os trabalhadores da empresa imperialista; um grupo de operários, em comissão, percorreu as casas dos sete companheiros, debatendo com eles suas necessidades mais urgentes. Verificou-se então que, diante da carestia da vida, os salários não ficando cada dia mais baixos; ficou claro, ainda, que outra importante reivindicação dos trabalhadores é a ligação de água para os barracos onde vivem, pois a água que estão usando atualmente vem do Rio Piracaba, e está contaminada pelos efluentes das oficinas e fornos; finalmente, os trabalhadores exigem que o indivíduo José Simões Campos, chefe da Seção de Pessoal da em-

- ★ 1.500 OPERARIOS REIVINDICAM ELEVAÇÃO GERAL DE Cr\$ 300.00 NOS SALARIOS
- ★ TERMINOU EM GREVE UM COMICIO INICIADO PELAS MULHERES DOS OPERARIOS DENTRO DA EMPRESA
- ★ EXPERIENCIAS PARA NOVAS LUTAS POR AUMENTO DE SALARIOS, PELA PAZ E A LIBERTAÇÃO NACIONAL

pressa, preste contas do Fundo de Socorro, para o qual são obrigados a contribuir com cinco cruzeiros mensais todos os operários.

Em síntese, as reivindicações dos trabalhadores da ACESITA são as seguintes:

- 1) — aumento geral de salários de trzentos cruzeiros;
- 2) — ligação de água potável para os barracos;
- 3) — Prestação de contas do Fundo de Socorro.

COMICIO E GREVE

Um agente do serviço de recenseamento que apareceu na ACESITA no mês passado ficou profundamente impressionado com a situação de miséria em que vivem os operários dessa empresa imperialista. Ao fazer as perguntas de praxe, ouviu dos operários e de suas famílias informações impressionantes sobre alimentação, mortalidade infantil, doenças, horário de trabalho, etc. As mulheres dos operários pedi-

recenseamento que as acompanham ao agente do serviço de nhasse até a direção da empresa, perante a qual iriam expor sua situação e reivindicar melhores salários para seus maridos. Foram atendidas pelo agente do censo e se dirigiram às oficinas para convidar os operários.

Em seguida, realizaram um comício dentro da empresa em que falaram mulheres e operários. A maioria dos trabalhadores da empresa, diante do anelo das mulheres para que lutassem pelo aumento de salários, isto é, por um pouco mais de pão para seus filhos famintos, — realizaram o trabalho, declarando-se em greve geral. Somente o alto-forno e a fundição continuaram trabalhando, o que representou uma das mais serias debilidades do movimento.

ESPANCAMENTOS E PRISSÕES

Chamada ao local, compa-

receu prontamente a polícia de Milton Campos, fazendo ameaças aos operários, para que voltassem ao trabalho. O dia, gado, tentando amedrontar os grevistas, chegou a fazer um disparo para o chão. A respeito dos operários foi uma boa surra no delegado que se retirou em seguida com seus belzequins. Logo em seguida, como reforço para a polícia, chegou a ACESITA um grupo de "liras", sob o comando do conhecido espancador Vala-

dão. Deste grupo faziam parte ainda os espancadores Quinino, Lino e Lina. Sob proteção da massa, foram espancados diversos trabalhadores, e outros os operários Newton Behring, Levi Martins, Sionira, e agente do censo e mais um operário. Diante do terror policial, com sua organização ainda muito débil, os operários recuaram, voltando ao trabalho, depois de um dia de greve.

MARCO PARA NOVAS LUTAS

Essa greve dos operários da ACESITA é um importante marco nas suas lutas. Os 1.500 trabalhadores da empresa imperialista, levando em conta as experiências da última greve, devem reforçar sua organização e marchar para novos combates pelo aumento de Cr\$ 300,00, pela paz e a libertação nacional do jugo imperialista.

OS FLUVIARIOS

de São Francisco declararam-se em greve geral, na luta pelo aumento de salários e outras reivindicações, na luta contra a fome e a exploração. Há muito vêm aqueles trabalhadores lutando pela conquista de suas reivindicações; navios já foram paralisados por greves parciais, grandes manifestações já foram realizadas e, por duas vezes, reunidos em assembleia estabeleceram prazos para o pagamento do aumento de salários pelo patrão explorador, no caso o próprio governo do sr. Mangabeira. Entretanto, sempre na última hora, quando já se preparavam para iniciar a greve, a intervenção dos pelagros ministérios

de intervenção das pelitiqueros das classes dominantes, conseguiram dividir os fluvialários, enganando-os por mais algum tempo.

Mas os trabalhadores aprendem com a própria luta, à custa das vitórias ou das derrotas sofridas. A experiência dos fatos vividos tem mais força que qualquer promessa por mais demagógica que seja. E os resultados de todos os movimentos promovidos pelos fluvialários, alguns dos quais não chegaram sequer a difusar, sempre agora, vitoriosamente; estão em greve os trabalhadores do S. Francisco, paralisando um dos pontos vitais de nossa transportação.

E os fluvialários não estão só em sua luta contra a brutal exploração. Alfaiates, operários em construção civil, sapateiros, fogueteiros, etc., centenas de trabalhadores de Juazeiro, declararam-se também em greve, numa afirmação potente de seus sentimentos de solidariedade proletária. De uma solidariedade que continua a crescer, estendendo-se por todos os setores de trabalho daquela cidade, ameaçando transformar-se em greve geral. De uma solidariedade que se estenderá, não temos dúvidas, a todo o Estado, desde os trabalhadores da Capital e do recôncavo até aos assalariados do cacau na zona sul do Estado.

O Exemplo dos Fluvialários de Juazeiro

José GORENDER

São Francisco é a primeira resposta dos trabalhadores bahianos ao manifesto lançado por Luiz Carlos Prestes, em nome do Partido Comunista do Brasil, a 1.º de Agosto. A primeira afirmação de que o proletariado não aceitará passivamente a política de esfomeamento e de terror anti-operário da ditadura americana, de que os trabalhadores não se deixarão matar de fome de braços cruzados. Os fluvialários bahianos mostrando a decisão, que é sua com o de todos os trabalhadores e de todo o povo bahiano, de se lançarem a lutas sempre mais vigorosas e mais altas, pelos seus interesses de classe. A greve dos fluvialários revela que os trabalhadores compreendem a justiça do caminho de luta apontado por Prestes — o caminho da luta para impor a vontade dos trabalhadores e do povo, con-

tra a fome e a guerra, por Paz, Pão, Terra e Liberdade.

Os politiqueros das classes dominantes, criados pelos latifúndios imensos do S. Francisco, gostam de afirmar o poder inabalável que têm naquela zona. É comum o sintonista capangado Manoel Novais, capanga de Jurad Magalhães afirmar ser o dono do S. Francisco, o maior cabo eleitoral do Estado, o coronel que faz o desfecho em toda a região. Mas a greve dos fluvialários está mostrando quanto ilusório é esse poder; mais do que isso, está afirmando o poder dos trabalhadores, dos homens que produzem, nas fábricas e oficinas, dos que trabalham na terra, que fazem mover os trens e navios, e sem os quais coisa alguma vai para a frente. Declarando-se em greve, os fluvialários afir-

mam o seu amadurecimento político, a sua compreensão de que não há que se negar das promessas milagrosas de "salvadores" ou de protetores providenciais, a sua compreensão, clara e definida, baseada nos ensinamentos das lutas de todo o proletariado, expressos nas palavras de Prestes e de todos os comunistas, de que os trabalhadores só podem confiar em suas próprias forças, de que só a sua luta decidida poderá resolver os seus grandes problemas. Não eleições sob terror fascista, não presentes caídos do céu, mas vitórias conquistadas na luta grevista, enfrentando o ódio patronal, as violências terroristas da ditadura, o desesperado terror anti-operário que, quanto mais cresce, ao contrário de abalar, contribui para consolidar a unidade e decisão de luta dos trabalhadores.

Greve dos Camponeses

(Conclusão da 9.ª pag.)

gatauro Mario Lima sempre explorou os colonos e camaradas pagando uma miséria por mil pés de café e um salário de fome. Agora os colonos e camaradas resolveram acabar com a exploração e exigem a aplicação do contrato que foi discutido e achado bom.

A greve continua na fazenda. É um exemplo para todos os colonos de café e camaradas. Todos, fazendo greve e organizando-se em comissões ou da maneira que achar mais justo para lutar, devem exigir a aplicação do novo contrato. Os fazendeiros nadam em rios de dinheiro todos os filhos e as mulheres dos colonos não podem passar mais fome e miséria. Mas, lutando, os colonos não devem esquecer que só se libertarão completa-mente da situação de miséria em que vivem lutando pela tomada das terras dos latifundistas.

co Popular, de operários e camponeses, que assegure a posse da terra, dos veículos e das ferramentas aos trabalhadores do campo.

Porque os Portuários e Marítimos não que-rem a guerra

VOZ OPERARIA publica em seu próximo numero uma reportagem sobre os marítimos, portuários e a situação que lhes foi imposta durante a 2.ª guerra mundial. As formas de exploração de que foram vítimas, os miseráveis salários que percebiam, os sofrimentos que a guerra lhes impôs.

A greve dos fluvialários de São Francisco constitui um exemplo e um estímulo para todos os trabalhadores bahianos. Ela continua as lutas dos transviários portuários, estivadores, tecelões, etc., da Capital, dos trabalhadores do açúcar, de Santo Amaro, dos fumageiros de Cachoeira S. Felix, dos trabalhadores do cacau. Mas constitui também um passo à frente para novas lutas mais vigorosas que confluirão todas para o êxito do imenso dos combates nacional-libertadores contra os exploradores nativos e estrangeiros, contra a ditadura americana e patronal de Dutra.

Os fluvialários do S. Francisco, declarando-se em greve, atenderam praticamente ao brado de alerta lançado por Prestes ao povo brasileiro, ao seu apelo para a união e ação. Os trabalhadores e todo o povo têm o dever de prestar a sua calorosa homenagem a manifestar a sua decidida solidariedade aos bravos operários de Juazeiro.

Salve, companheiros de luta!

A Revolta do Vintem

Voz dos Campos

PELO DESENCADEAMENTO DE LUTAS REVOLUCIONARIAS DE MASSAS NO CAMPO

OS TRABALHADORES do campo, que são a maioria da população do país, sentem que a situação piora dia a dia: um regime de exploração desenfreada, em vigor nos latifúndios, transforma os trabalhadores do campo em semi-escravos incumbidos de livrar a terra em proveito exclusivo dos latifundiários. As famílias dos camponeses definhavam de ano para ano, seus filhos morriam vítimas pelas doenças, pela sub-alimentação. É essa a consequência imediata do regime de exploração, com salários diários de 5 a 15 cruzeiros, ou de sistema do vale e do barracão, sem qualquer salário. Essa situação prova constantemente. O regime do latifúndio, com todas as suas desgraças, paralelamente ao sistema de opressão policial introduzido no campo para garantir os odiosos privilégios dos senhores de terra, está conduzindo a massa camponesa a uma situação intolerável, da qual só é possível sair através das lutas revolucionárias de massas.

Os assalariados, peões, meios parceiros, colonos, arrendatários trabalhadores do solo, só conseguirão romper as cadeias da opressão da fome, rapidamente se lançarem às lutas de massas por maiores salários, pelo pagamento do salário em dinheiro e quinzenalmente, contra o vale e os preços extorsivos do armazém ou barracão, organizando-se nas fazendas, e lutando pela completa liberdade de associação, contra a guerra imperialista e pela posse da terra, pelo governo democrático popular que ajude os camponeses a tomar a terra dos latifundiários e distribua sem indenização entre os trabalhadores do campo. É essa a única maneira de marchar para a conquista do governo democrático popular que porá em prática o programa de Prestes, cujo ponto 4 é o seguinte:

"PELA ENTREGA DA TERRA A QUEM TRABALHA — Confiscação das grandes propriedades latifundiárias com todos os bens móveis e imóveis nelas existentes, sem indenização, e imediata entrega gratuita da terra, máquinas, ferramentas, animais, veículos, etc., aos camponeses sem terra e possuidores de pouca terra a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura. Abolição de todas as formas semi-feudais de exploração da terra, abolição da "meta", da "terça", etc., abolição do vale e obrigação de pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores. Imediata apuração de todas as dívidas dos camponeses para o Estado, bancos, fazendeiros, comerciantes e usurários".

Ceará

No município cearense de Pereiro, próximo às dividas do Rio Grande, estão localizadas grandes extensões de terras, conhecidas por "Caatingas do Atanásio", onde residem há mais de um século, numerosas famílias camponesas, descendentes dos holandeses.

Os latifundiários da família Queluz estão agora ameaçando expulsar os camponeses dessas terras, com auxílio do coronel Jurema, que tem como aliado o prefeito udenista local, Joaquim Oliveira. Este vem pressionando os trabalhadores, com o objetivo de obrigá-los a abandonar as terras.

SÃO PAULO

Durante a safra de cana, no município paulista de Igarapava, a Usina Juazeira intensificou a barbara exploração dos camponeses, obrigando-os a trabalhar ininterruptamente

das 3 horas da manhã até as 6,30 da tarde. Os salários mensais são os seguintes: homens dezoito cruzeiros; jovens de dezoito a dezoito anos, quinze cruzeiros; menores de 12 a dezoito anos, seis cruzeiros; mulheres de dezoito anos para cima, doze cruzeiros por dia. Não há hora para almoço. Se o trabalhador está comendo e chega uma carroça ele é obrigado a deixá-la no feijão e carregá-la para casa. Para acabar com essa forma de exploração, assim como inúmeras outras, os trabalhadores devem lutar unidos e organizados.

Os camponeses da "Fazenda Rocinha", no município de Avanhadava, Estado de São Paulo, depois da vitória parcial alcançada recentemente, quando obtiveram com uma greve, uma aumento de quatro cruzeiros para a colheita de uma saca de café — estão agora em condições de continuar a luta pela conquista dos 25 cruzeiros por saca, aproveitando as experiências da última greve

QUANDO CANHÃO O ADMINISTRADOR

O administrador, para cumprir as ordens do taturá e explorar os colonos e camaradas, ganha 2 mil cruzeiros por mês, fora os achegos que ele arruma. É o maior vagabundo que mora na fazenda Macuquinho, pertencente aos taturás Mario Lima e Augusta Pereira Lima. Essa taturá tem milhares de alqueires de mata, terra boa mas arrendada velha para os colonos. O (Conclui na 8.ª pág.)

MAURICIO VINHAS

sem pressa.

A tarde houve escaramuças entre as tropas da polícia e os populares. Em vários pontos registraram-se lutas e correrias. O povo arrancou os trilhos das ruas Catumbi e Saco do Alferes. Por toda parte ouviram-se gritos: "Viva a República".

B PRECISO IR ADIANTE

Durante quatro dias a cidade esteve em pé de guerra. Foram quatro dias em que o povo carioca, desorganizado e sem armas, demonstrou a sua fibra e o seu valor. Durante esses dias de sangue e heroísmo, um número imenso de pessoas passou a compreender que não bastava lutar contra o imposto vintem, contra a medida que escorelhará o povo; era preciso ir adiante, derrubar o governo que sustenta essa medida e mandava matar quem protestasse; por abaixo a monarquia e proclamar a República, na esperança de que o novo regime representasse de fato os interesses populares.

Derrubado, por sua falta de preparo, nos combates de rua, o povo carioca não cedeu na luta contra o imposto do vintem. Muitas pessoas, ao tomar o bonde entregavam ao condutor a quantia correspondente ao preço anterior da passagem. Se o condutor se recusava a receber, deixavam a moeda sobre o banco.

A maior parte preferia boltar os bondes. Multidões vinham a pé dos bairros mais longínquos. As companhias, que faziam 4 ou 5 centos de receita bruta diária, quantia elevadíssima para a época, passaram a 700 ou 800 mil reis.

Em São Paulo houve um comício de solidariedade ao povo carioca. Falou Martinho Prado Júnior. Por proposta do grande abolicionista e republicano Luiz Gama foi escolhida uma comissão para redigir um manifesto de apoio às lutas do povo carioca.

A impopularidade grangeada pelo ministério Simbu, precipitou-lhe a queda. O governo imperial viu-se obrigado a recuar. O presidente do novo ministério, o conselheiro Saravaia, admitiu em sessão do Senado que o imposto do vintem era uma taxa incoibravel. Deixou o imposito de ser arrecadado, até que, a 4 de setembro de 1880, foi abolido oficialmente.

O povo carioca saiu vitorioso dessa luta parcial. Mas outros movimentos o esperavam. O regime monarquista, cada vez mais odiado, mais impopular, não podia resistir por muito tempo. Nove anos depois que o sangue do bravo povo carioca regou as ruas da cidade, o trono foi derrubado.

Que era o imposto do vintem? Uma forma de escorelar o povo. Em vez de aumentar os impostos sobre os lucros das companhias que exploravam o serviço de bondes — já controladas pelo capital estrangeiro — o governo se autorizava a cobrar mais 20 reis em cada passagem. O projeto foi apresentado às câmaras pelo então ministro da Fazenda, Afonso Celso. A 1.ª, aprovada a 31 de outubro de 1879, 1.ª de Janeiro do ano seguinte principiaria a cobrança da nova taxa.

O povo recebeu com antipatia a notícia. E os republicanos — que naquele tempo representavam a parte mais avançada da povo — souberam liderar a campanha contra a medida que feria os interesses populares. Souberam orientar a campanha no sentido de abalar a autoridade dos imperadores.

IMPERADORES SE RECUSA

A "Gazeta da Noite", cujo redator principal era o tribuna republicano Lopes Trovão, ganhou enorme popularidade falando contra o imposto escorelhar. A 28 de Dezembro Trovão e Ferro Cardoso, outro redator da "Gazeta", organizaram um comício de protesto no campo de São Cristóvão. A massa aprovou que fosse uma comissão ao papa, reclamar do Imperador que vitasse a medida.

O papa ficava próximo, porém a comissão se viu impedida de lá chegar; todas as artérias estavam ocupadas por forças de infantaria, cavalaria e artillaria. Tomava-se assim bem claro, para quem ainda tinha ilusões com a monarquia, que Pedro II não queria nem ao menos ouvir a reclamação do povo.

DU O VINTEM OU A MORTE

O caso ia tomando nítido caráter político. Era para o governo inclusive uma questão de prestigio obrigar o povo ao pagamento do imposto. O gabinete, presidido por Cansado de Siqueira, resolveu — segundo se dizia — adotar a seguinte divisa: "Ou o vintem ou a morte". E o povo estava disposto a não pagar nem amarrado.

A 10 de Janeiro — dia em que principiaria a cobrança — o chefe de polícia forneceu aos "tiras" da época uma grande quantidade de vintems para perscrutarem as linhas "fingido povo e pagando sem repugnância".

Para o mesmo dia, volantes largamente espalhados pela cidade convocavam um novo comício de protesto, no largo do Paço (atual praça 15 de novembro). A meio dia, acotovelava-se ali considerável multidão levando-se em conta a época (os cálculos variam entre 4.000 e 5.000 pessoas).

Falou Lopes Trovão, encenando o povo a resistir ao pagamento do imposto. A seguir a massa saiu em passeata pela rua 1.ª de Março. Da sacada de um hotel falou Frederico Severo, alferes honorário do Exército. Era uma hora da tarde, e ao longe se ouviu o troar dos canhões que, naquele ano novo, saudavam a realzeza.

"Troa também o canhão popular — disse em linguagem figurada o orador — mas para defender os nossos direitos."

COM O POVO A INICIATIVA

A multidão volta a pôr-se marcha. Na rua do Ouvidor, ao passar em frente ao "Jornal do Comercio", os populares dão morras a esse jornal que defendia o governo. Adiante, dão vivas à "Gazeta de Notícias", órgão simpático aos republicanos e favorável à causa popular. Na rua Uruguaiana, Lopes Trovão começa a falar, da sacada da "Ga-

zeta da Noite" Considera fiada a manifestação. É indescritível o entusiasmo de que está possuída a massa.

A partir desse momento, alguma coisa acontece. Surgem imediatamente, no meio do povo, líderes anônimos mais dispostos e decididos. É a massa, em vez de se dispersar, divide-se em grupos. Uns ficam pela Uruguaiana outros se dirigem ao largo de São Francisco, espalham-se pelo centro da cidade.

A polícia está de tocaia. De repente, surgem patrulhas de cavalaria, investem contra os ajuntamentos, espalderam o povo. Ameaçados os populares correm, porém adiante se reúnem de novo. Policiais armados de grossas bengalas, aproveitam a confusão para dar pancada e prender a torto e a direito. Os ânimos vão se acalmando.

ORGUEM-SE AS BARRICADAS

Aproveitando os "momentos de folga" — como conta um jornal do tempo, o povo levade e depreca os bondes da linha "Vila Isabel". Em alguns pontos da rua Uruguaiana e na rua 7 de Setembro, vai levantando os trilhos e virando os veículos. Aqui e acolá formam-se rolos de luta com a cavalaria e a polícia civil. No largo de São Francisco, os policiais montados carregam contra a massa, mas esta os repele aos gritos de "Fora o vintem!" Entre os manifestantes, há mulheres e crianças.

A fim de se proteger o povo ergue duas barricadas, isolando um trecho da rua Uruguaiana, entre Ouvidor e 7 de Setembro. Alguns bondes foram arrastados, aravessados na largura da via pública, cheios e rodados de paralelepípedos. A muralha era ainda reforçada com pedaços de trilhos.

Entrincheirado, o povo se defende como pode, com pedradas, pauladas e garrafadas. Na mão de alguns homens surgem revólveres. A polícia, depois de várias tentativas, revela-se impotente para sufocar a vontade de resistência daquela massa decidida.

LUTA DESIGUAL E HEROICA

As cinco horas da tarde chega um grande contingente do Exército. O povo na barricada, grita: "Viva o Exército!". Atiradas, provocadores, atiram paralelepípedos sobre a tropa. E esta investe contra a barricada.

Quase desarmados, os populares resistem heroicamente aos tiros de fuzil e às baionetas. Trava-se um combate desesperado e desigual. Os soldados atacam tanto por Ouvidor como pe-

la 7 de Setembro. Tomam de assalto a barricada. Desalçados, os populares tentam esgarar outra trincheira, entre Ouvidor e Rosário. Mas não chegam a levantá-la; são obrigados a bater em retirada.

Acusada a luta vêem-se varios feridos, entre soldados, populares e até entre inoradores da rua, atingidos nas janelas de suas casas. Mortos três defensores das barricadas: o jovem pernambucano Afonso Faria de Andrade, de 20 anos, que chegara havia pouco do Norte para se empregar no comercio; o francês Charles Millet e o polonês Bernardo Vogelbaum.

Até as 10 e meia da noite, os cadáveres ficaram expostos na rua, amaldiçoados por tres velas de cera e guardados por praças de infantaria. Só então é que os levaram para o necrotério. São Ham enterrados, as escorridas, no Cemitério do Caju, na via comum, depois de ler o governo se recusado a entregar os corpos a seus amigos e parentes.

Enquanto as vítimas da barba do governo, com as carnes marcadas de balas, baionetadas e navalhadas, estavam ainda estendidas no chão, o povo continuava adiante a sua luta. Em diferentes pontos da cidade, nesta mesma noite, prosseguiram as manifestações contra o imposto do vintem. Nas ruas Senador Pompeu, Conceição, Alfandega, 1.ª de Março, 7 de Setembro e outras, a massa arrancou os trilhos e virou os bondes.

A agitação durou até por volta da meia-noite.

VIVA A REPUBLICA!

No dia seguinte, não se falava mais imposto do "camaradinho" (vintem), mas imposto de sangue. Além dos mortos e feridos, as cadeias estavam abarrotadas; só no 1.º distrito havia setenta e tantos populares presos. O povo não se intimidava. E continuavam as prisões. As ordens do governo a polícia eram: "Prendam; se resistirem, matem." Espalhava-se o ódio ao governo, a monarquia.

Desde cedo patrulhas de cavalaria percorriam as ruas. Mas, apesar do terror, pouco a pouco foram se reunindo grupos de populares no largo de São Francisco, na Uruguaiana e na 1.ª de Março.

Na Uruguaiana, uma força da Guarda Urbana expulsou o povo e cercou a redação da "Gazeta da Noite". O assédio ao jornal duraria onze dias. O governo gozava também a liberdade de imprensa; não permitia sair o órgão que defendia os interesses populares; jornalistas fo-

COMEÇOU A LUTA POR NOVOS CONTRATOS

Greve dos Camponeses Da Fazenda "Macuquinho"

Os camponeses da fazenda Macuquinho, em Lins, declararam-se em greve no dia 20 do mês passado, exigindo a aplicação do contrato apresentado aos colonos do café pela União dos Camponeses da Alta Sorocabana.

Os camponeses reuniram-se, discutiram o modelo de contrato, acharam-no justo e foram ao escritório do administrador exigir o pagamento de 3 mil cruzeiros pelo trato de mil pés, durante o novo ano. O administrador ficou assombrado e quis usar violência. Depois, vendo a firmeza dos camponeses resolveu discutir, para enganar os colonos. Mas o colono Jo-

quim Santana foi logo lhe tapando a boca com as seguintes palavras:

"Olha, não viemos discutir nem queremos discutir. Vimos para o bem de nossas famílias. Chega de exploração. Queremos 3 MIL CRUZEIROS POR MIL PÉS, de agora em diante. Os camponeses apresentaram o novo contrato e o administrador leu e disse: "Então, se os outros fazendeiros estão pagando 3 mil cruzeiros por mil pés eu também sou obrigado a pagar?"

Os colonos responderam: "Não adianta ficar discutindo. Mande imediatamente uma

carta ao taturá para que ele venha sem falta que nós queremos resolver o problema com ele".

DESMACARADO O ADMINISTRADOR LAMBE-SOLA

O administrador lambe-sola do taturá ainda tentou intimidar os colonos e camaradas dizendo que o autor daquele contrato estava preso na cidade de Lins. Os colonos riram na cara dele, desmascarando sua mentirada.

Também o administrador disse que aquela exigência de acabar com o sino da fazenda era coisa de vagabundo. Imediata-

mente o camponês José Gonçalves respondeu: "Se nós gostamos de sino punhamos meia duzia no pescoço".

Finalmente, já irritados, os colonos disseram — "Quer saber de uma coisa? Se começar a insistir muito nós metemos as ferramentas e arrancamos esse sino hoje mesmo, porque não somos cachorros para andar por toque de sino ou buzina".

Três ações Enérgicas Pela Paz

LUIZ BICALHO

Os partidários da paz no Estado de Minas têm dado exemplos magníficos de abnegação e persistência, na campanha de assinaturas para o Apelo de Estocolmo. Em sua atividade diária, os partidários da paz se distinguem radicalmente de todos os politiquês das classes dominantes, que voltam agora a cortejar o povo, na esperança de fudi-lo e conseguir votos em troca de promessas demagógicas. A atuação do partidário da paz se caracteriza pela sinceridade com que expõe seus argumentos demonstrando o perigo iminente de guerra, pela sinceridade com que fala dos horrores do bombardeio atômico, pela convicção de que é possível impedir a nova carnificina.

O primeiro exemplo vem de Raposos, o inexprugnável reduto da classe operária de Minas. Um vereador comunista dessa cidade, Hacírio Ribeiro Sales, durante a campanha de assinaturas, quando já havia recolhido 1.500 firmas ao pé do Apelo de Estocolmo, foi preso e espancado, por ordem do delegado local, um capacho dos ingleses do mar Velho Logo que conquistou novamente a liberdade, o vereador Ribeiro Sales se lançou ao trabalho de coleta de assinaturas, ajudando a completar o total de 4.000. Isto é, dois terços de toda a população de Raposos, que é de 6.000 habitantes.

Outro exemplo: A srta. Edmar Vilefort acaba de completar 9.000 assinaturas ao pé do Apelo. Para conseguir esse resultado brilhante, teve de percorrer toda a cidade de Belo Horizonte. Houve, naturalmente, muitas dificuldades a vencer. Em um dos seus comandos numa quermesse em Santa Efigênia, quando pediu a assinatura de um rapaz, este não somente se negou a assinar, como ainda passou a dizê-lhe, em altos brados, que a campanha contra a bomba atômica "era comunista", que tinha "fins ocultos", chegando até aos insultos. A srta. Edmar, firmemente decidida a recolher assinaturas dirigiu-se à pequena multidão que se havia aglomerado em sua volta, inclusive ao jovem que a insultara, explicando que o objetivo da campanha era evitar a repetição do inferno de Hiroshima e Nagasaki. Diante do vigor e da sinceridade de suas palavras, o jovem passou a ajudá-la a recolher assinaturas, pedindo todos os presentes que assinassem o Apelo de Estocolmo.

Outro exemplo vem de Canapolis: os donos dos latifúndios estão procurando impedir a entrada dos partidários da paz nos seus feudos. Por isso, os jovens camponeses resolveram constituir sua auto-defesa para garantir a atuação dos comandos nas fazendas. A combatividade dos jovens camponeses do triângulo enche de entusiasmo os trabalhadores do campo, que assinam em massas o Apelo de Estocolmo.

Três ações enérgicas em defesa da paz. Três fatos que revelam o odio do nosso povo à guerra e mostram que é possível cobrir e mesmo superar as cotas de assinaturas. O essencial é lançar-se ao trabalho, com decisão e ânimo.

CONQUISTEMOS NOSSO PEDAÇO DE TERRA

O Manifesto de Prestes é um guia seguro para as lutas dos camponeses.

Aqui em Junqueirópolis, a Jaguços dos Junqueiras, Plaz e Ademar implantaram um regime de permanente terror contra os camponeses e suas famílias, transformando nossa vida em verdadeiro inferno, no vasto latifúndio que vai do Rio do Peixe ao Rio Peão. Recentemente, oitenta famílias camponesas de Junqueirópolis foram expulsas das terras pela polícia de Ademar e os jaguços do tatuira. Em muitos casos, os trabalhadores desesperados resistiram com bravura e heroísmo, revelando-se a combatividade crescente dos camponeses paulistas. Faltam, porém, um mínimo de organização dos trabalhadores. Por isso, os jaguços e bandos policiais conseguiram desalojá-los. Ficou, no entanto, o exemplo de combatividade que há de ser aproveitado pelos trabalhadores do campo nas suas lutas revolucionárias pela terra, a paz e a libertação nacional.

Os camponeses precisam estar preparados para responder cada golpe do inimigo com dois golpes. Nesse sentido, o Manifesto de Prestes é riquíssimo em ensinamentos. Dirigindo-se aos trabalhadores do campo, Prestes convocou-os para a luta: "Assalariados, peões, meeiros, parceiros, colonos, arrendatários, trabalhadores do etol. Organizai-vos na fazenda e nas aldeias. Lutai pelos vossos interesses econômicos, por maiores salários, pelo pagamento do salário em dinheiro e quinzenalmente, contra os vales e os preços extorsivos dos armazéns ou barracões. Luta pela completa liberdade de organização e locomoção dentro do latifúndio, contra expulsão da terra, pelo direito de prorrogação de todos os contratos, por uma menor taxa de arrendamento pela liberdade para a venda no mercado de toda a produção. Luta contra a guerra imperialista, em defesa da paz e pela posse da terra; por um governo democrático popular que vos ajude a tomar a terra dos latifundiários e a distribuí-la sem indenização entre os trabalhadores do campo".

A ampla discussão do Manifesto de Prestes é um fator essencial para o desenvolvimento das lutas camponesas pela terra, o pão, a paz e a libertação nacional.

A. Lima — Junqueirópolis — Alta Paulista, 24-8-1950 — :SOS:—

• APELO AS MULHERES

Minhas amigas, Unamo-nos para combater a bomba atômica, essa arma de terror, destinada à destruição em massa das populações do globo. É como mulher que vos dirijo este apelo. Assinaí e fazei assinar o Apelo de Estocolmo!

Na nossa união reside a nossa força. Unidas, exijamos a proibição da arma atômica, primeiro passo para a proibição de todas as monstruosas armas de guerra. Conquistemos a paz mundial para todos os povos.

ROSA NICOLAU — Campinas — Estado de S. Paulo — :SOS:—

• CORRE GRAVE RISCO A VIDA DOS OPERARIOS

A fábrica Votorantim, de Sorocaba, tem alguns bondes para transportar os operários. São tais, porém, as condições dos veículos e da linha, que ocorrem desastres frequentemente. Os trabalhadores viajam como sardinha em lata. No dia 28 de junho, o bonde que saiu da fábrica conduzindo os operários do primeiro

VOZ dos LEITORES

turno, depois de percorrer alguns metros, tombou repleto de trabalhadores. Depois do desastre, os chefes Dr. Moreira e Matias, apareceram com as desculpas de costume. Alguns feridos foram hospitalizados.

O próprio hospital "Santo Antônio" que pertence à Votorantim, vive cheio de operários e operárias doentes. O número de médicos é insuficiente. Há somente três enfermeiras. Os paúses gastam o dinheiro e exploram ao máximo os operários.

J. NASCIMENTO — Sorocaba — Junho de 1950. — :SOS:—

• PO DE SERRA E EXPLORAÇÃO

A Indústria Alixandrina Fabricação Sociedade Anônima trata os seus operários pior do que escravos. Entre homens e mulheres trabalham 32 pessoas, que são obrigadas a fazer 10 horas por dia. Há 8 meses apareceu um dos latifúndios da indústria pedindo para os operários assinarem um papel se comprometendo trabalhar 10 horas por dia e dizendo que 2 horas eram pagas como extraordinário. Foi assinado o papel e até hoje nada de pagamento extraordinário. Tem operário que trabalha já há 5 anos e só recebeu um miserável abono de Natal, e assim mesmo em vale. Este grande chupão de sangue operário só paga 2 cruzeiros e 90 centavos por hora.

A indústria desse tubarão é de torrefação de café e farinha de milho e outras mais, além de uma serraria. Mas este senhor não prejudica somente a humanidade, prejudica até os animais. Pelo motivo seguinte: sai o farelo de milho, mais o sabugo, junto com pó de serra. Toda madeira que tenha mais ou menos a cor de farelo é aproveitada para misturar e vender como forragem de animal, até para vaca leiteira. Que precisamos fazer nós operários? Lutar por aumento de salários e para receber o extraordinário que está sendo roubado pelo patrão. Luta à greve, pelo seu direito.

(sr.) J. E. ARGOLO (Lins. São Paulo). — :SOS:—

• O CAMINHO DE PRESTES

Prestes mais uma vez indicou o caminho justo e seguro. O caminho da revolução, da libertação, do socialismo e da paz, do bem-estar e do progresso do país. É o caminho que nós trabalhadores temos de seguir se não queremos ser escravos, se não queremos ser arrastados a uma nova guerra em benefício dos capitalistas americanos e seus sócios daqui.

O Manifesto da Frente Democrática de Libertação Nacional está na ordem do dia. Não temos tempo a perder. É toque de alerta para a luta, ros chama, sem vacilações e com audácia, a não permitir mais nem um passo da reação no caminho do fascismo e da guerra.

Jamais em toda a minha vida de comunista vi tanto entusiasmo e tanto acerto no Manifesto do camarada Prestes. Porque revela a realidade, porque mostra os fatos com tanta clareza que não pode ser negado por ninguém, a não ser pelos vacilantes e traidores que ainda possam se encontrar em nossas fileiras encobrindo o seu oportunismo, com medo de desencadear as lutas que

precisamos desencadear. Eu não encontro outra saída para a nossa Pátria a não ser aquela apontada por Prestes. Viva o chefe da Revolução Nacional Libertadora. Viva LUIZ CARLOS PRESTES! Viva os comitês Democráticos de Libertação nacional!

(sr.) BASILIO TOLEDO — São Paulo (Capital). — :SOS:—

• NEM EFETIVAÇÃO NEM AUMENTO: DEMISSÃO

Seguem algumas informações sobre a fazenda Santa Elisa, propriedade do governo do Estado. Está havendo atraso no pagamento, de 30 a 60 dias. Os ordenados são de forma: 600 a 700 cruzeiros por mês. Vive-se numa miséria incriável. Foi decretada a efetivação dos que têm mais de 5 anos de serviço, e aumento geral. Mas até agora ninguém teve efetivação e nem recebeu aumento. Os que têm direito à efetivação foram dispensados. São reajustados em outra folha e obrigados a assinar sua demissão. Aqui segue o envelope de pagamento de um trabalhador que tem mulher e 4 filhos: recebeu por mês 539 cruzeiros e 30 centavos. Esta é a dura realidade.

(sr.) ESPRESSINHO — CAMPINAS (São Paulo). — :SOS:—

• O MANIFESTO NO RIO GRANDE DO SUL

O Manifesto de Prestes foi recebido com indescrevível entusiasmo em sua terra natal,

ganda das conquistas da ciência agrícola e da experiência dos elementos de vanguarda da aldeia kolchoziana.

Durante os últimos anos os conferencistas do campo têm ocupado um lugar destacado na vida cultural da aldeia de Riazan e atualmente o seu número ultrapassa de trezentos, em toda a província. Mais de dois mil intelectuais entre os quais se contam 1.200 professores, 400 agrônomos e zootécnicos e 450 médicos, participaram dos trabalhos das conferências do campo. As conferências tratam geralmente de temas políticos e temas relativos às ciências naturais. Gozam de grande popularidade entre os trabalhadores das fazendas coletivas, as conferências da aldeia de Trojokurovo, província de Lebedián Mais de 70 conferências foram ali pronunciadas no transcurso de um ano pelos intelectuais da aldeia. Cada conferência atrai uma quantidade considerável de ouvintes.

A melhoria do trabalho educativo entre os intelectuais se reflete de maneira notável na intensificação de sua atividade na vida social e política da aldeia e em todas as providências tomadas pelas organizações do Partido. Milhares de professores, médicos e agrônomos trabalham como agitadores, informantes e conferencistas. Os intelectuais do distrito de Saraiy têm uma participação ativa no trabalho de massas. O Comitê Distrital e as organizações de base do Partido souberam arrastar quase todos os professores e especialistas da agricultura para os coletivos de agitação e coletivos redacionais dos jornais murais. A intelectualidade da aldeia realiza um grande trabalho de propa-

ganda das conquistas da ciência agrícola e da experiência dos elementos de vanguarda da aldeia kolchoziana.

Durante os últimos anos os conferencistas do campo têm ocupado um lugar destacado na vida cultural da aldeia de Riazan e atualmente o seu número ultrapassa de trezentos, em toda a província. Mais de dois mil intelectuais entre os quais se contam 1.200 professores, 400 agrônomos e zootécnicos e 450 médicos, participaram dos trabalhos das conferências do campo. As conferências tratam geralmente de temas políticos e temas relativos às ciências naturais. Gozam de grande popularidade entre os trabalhadores das fazendas coletivas, as conferências da aldeia de Trojokurovo, província de Lebedián Mais de 70 conferências foram ali pronunciadas no transcurso de um ano pelos intelectuais da aldeia. Cada conferência atrai uma quantidade considerável de ouvintes.

A seção provincial da Sociedade da URSS de Difusão dos Conhecimentos Políticos e Científicos, fundada há dois anos, organizou parcela considerável da intelectualidade da aldeia. Achem-se criadas seções dessa sociedade em 36 distritos da província. Os membros efetivos da sociedade sistematicamente realizam conferências sobre temas de política geral, temas históricos e de ciências naturais, tanto para as amplas massas dos kolchozianos como para a intelectualidade da aldeia.

A intelectualidade representa um papel ativo no desenvolvimento do trabalho cultural e educativo da aldeia. Não faltam lugares

2 Na Grande do Sul. O povo gaúcho arrebatou os jornais que o publicaram, os quais se esgotaram rapidamente. "A TRIBUNA", contendo o Manifesto, circulou em edição extraordinária, saindo à tarde, fora da hora habitual. Assim mesmo não ficou um só exemplar nas bancas, o mesmo acontecendo no dia seguinte, quando o jornal voltou a circular em edição normal, reproduzindo o Manifesto.

O escritor Ciro Martins emitiu a seguinte opinião: "O Manifesto de Prestes é uma notável página de coragem cívica e reafirmação de princípios. Mas uma vez Prestes confiante que bem merece a classificação de homem-simbolo, como disse o grande patriota e mestre de todos nós, Moacire Lobato".

Carlos Sclar, pintor e ex-combatente da FEB, o arquiteto Demétrio Ribeiro Neto e outras personalidades foram unânimes em exaltar o Manifesto de Prestes e a sua oportunidade para a nossa grande luta de libertação nacional.

Do Correspondente

Melhorar Diariamente o Trabalho entre...

em que possa aplicar as suas forças e conhecimentos. Cerca de dois mil professores, trabalhadores da medicina e especialistas da agronomia participam dos coletivos auto-didatas de arte. Os habitantes do distrito de Spas assistem, com satisfação, no palco da sua Casa da Cultura, espetáculos do genero de "Pela segunda Frente", "Platão Kretchet", "Patria Querida", etc.

Todos esses exemplos nos demonstram que as organizações do Partido da nossa província dedicam um maior cuidado ao desenvolvimento político e ideológico dos intelectuais. Mas daqui não se conclui, em absoluto, que já fizemos a esse respeito tudo o que é indispensável. Sem dúvida que não. É necessário que intensifiquemos por todos os meios, o trabalho educativo entre a intelectualidade do campo. Isso se torna tanto mais necessário pelo fato de que em alguns distritos de nossa província as organizações do Partido ainda continuam a subestimar o papel dos intelectuais do campo e dedicam pouca atenção à sua educação política. Tal situação diz respeito, em particular, aos comitês distritais do Partido de Starojilov e Kassimov. O trabalho educativo, ainda é realizado, de maneira mais ou menos planificada, numa série de lugares, somente entre os intelectuais que vivem nas capitais dos distritos.

As organizações do Partido de nossa província tomam no momento providências no sentido de afastar essas debilidades, melhorar as condições da educação política da intelectualidade da aldeia no espírito do patriotismo soviético e na ilimitada dedicação à nossa Pátria Socialista e ao Partido de Lenin e Stalin.

A «Balaiada», Notável Exemplo de Luta Popular Revolucionária

Na mais de um século — no Brasil — não houve uma revolução popular que tenha conseguido a libertação da terra para os trabalhadores e a expulsão dos latifundiários e dos senhores feudais. Este movimento popular, conhecido como «Balaiada», foi o primeiro do gênero no Brasil, tendo sido iniciado em 1839, quando os camponeses do Nordeste, liderados por Antônio Ferreira, um mestiço que fabricava e vendia balaios. Outros chefes do movimento revolucionário, em localidades diversas, eram: Uirapuru, «Ruivo», G. Teixeira, Albuquerque, Silveira, Vieira, Moura, Coque, Aljoni, o negro Cosme e o índio Mauro. A todos esses homens chamavam «balaios» que lutavam pela terra e a liberdade. Sob o ponto de vista estratégico, Caxias era a cidade indicada para ser a base de operações dos «balaios».

LUTAS DE GUERRILHAS
Desde o início do movimento, os revolucionários sustentaram uma luta tenaz, conquistando vitórias sobre vilas, contra os prefeitos, os senhores de terra e, em seguida, contra as expedições do governo da província. A luta anhou maior envergadura quando os «balaios» tiveram de se defrontar com as milícias mandadas pelo governo, para esmagar o movimento. Usaram, desde logo, a tática de guerrilhas.

Com pequenos grupos de guerrilheiros, atacavam as forças do governo ate estercarias e liquadeiras. A 1.ª de março de 1839, depois da junção de todas as forças revolucionárias da região, os «balaios» atacaram a cidade de Caxias, em cuja cercada acamparam a 24.ª do mesmo mês. Contra eles foi enviada uma expedição, sob o comando do capitão Pedro Alexandrino. Estas tropas regulares foram castigadas continuamente, desde a Estrada dos Angicos. Os «balaios» atacavam, com grupos de guerrilheiros muito rápidos, a qualquer hora na frente, ora nos fiancos e, muitas vezes, pela retaguarda do inimigo, impondo-lhe baixas continuadas, e quebrando a moral das tropas. As forças do governo ficavam inteiramente desorientadas com esses ataques de surpresa, em que os guerrilheiros apareciam numa curva do caminho, nos clapedões, sempre a tirano e se embrenhando nas matas. Muitas vezes os soldados nem conseguiam ver seus atacantes. As tropas do governo, dominadas pelo pânico, ficavam às vezes dezenas de dias num mesmo lugar, sem avançar, temendo novos ataques dos «balaios».

O movimento revolucionário ganhava rapidamente as camadas mais pobres da população, enquanto se ia restringindo o número dos defensores do poder dos latifundiários e grandes comerciantes. **A CONQUISTA DE CAXIAS**
No dia 24 de maio de 1839, Caxias totalmente cercada pelas forças revolucionárias. As principais estradas foram tomadas: Graça ocupou Olaria; o «Balaião», Pau d'Água; Mulungueta; Pedreira; G. Teixeira e o «Ruivo»; Atoleiro; e Silveira, a Barra de São José. Outros chefes revolucionários, à frente de suas colunas, vieram a segui-

da retirar o cerco da cidade maranhense. No dia 24 de maio, Coque, depois de reunir todos os chefes de colunas, chamou o prefeito de Caxias, coronel João Paulo, a entrar na cidade. Foram inúteis todos os esforços mandados para descer a cidade sitiada. O tenente-coronel João Ramundo Carneiro Juqueira e o major Faício, que partaram de Itacuru-mirim para defender Caxias, foram obrigados a retroceder, esgoados pelas ataduras dos valentes guerrilheiros «balaios». Os ocupantes da cidade, porém, continuaram resistindo. Foi implantado em Caxias um regime de terror atroz que, em lugar de reforçar militar e politicamente o prefeito e seus sequazes, fez aumentar as sinpas da população pelos «balaios». As forças «ligalistas» da cidade foram-se descompondo e, a 30 de junho, debandavam desorganizadamente. Na manhã seguinte, os «balaios» entraram na cidade. Essa vitória era tão importante que o governador da província pediu reforços a todas as outras províncias e inclusive ao governo central. Coube ao futuro Duque de Caxias esmagar os revolucionários em fevereiro de 1840.

UM EXEMPLO HISTÓRICO
A «Balaiada» tem uma grande importância para o nosso povo, pois encerra ensinamentos preciosos. Logo após a ocupação da cidade de Caxias, os «balaios» instituíram uma Junta Provisória, constituída de 5 membros. Essa Junta atuava sob a fiscalização do povo armado. Os «balaios» entregaram armas ao povo para que este fiscalizasse os atos da Junta. Em seguida, os membros da Junta entraram em contacto com o governador da província, formulando as exigências populares de terra e liberdade, tratando-o de igual para igual. A «Balaiada» é um dos notáveis movimentos populares



do Brasil e povos, como tantos outros movimentos revolucionários, a fibra combativa e a audácia do nosso povo quando se empenha na luta pela conquista dos seus direitos. Hoje, os patriotas brasileiros liderados por Prestes, em condições bem diversas das de um século atrás, inspiram nos exemplos do passado para

as lutas revolucionárias pelo poder popular, o único capaz de oferecer à nação, a paz, a terra, a independência nacional e a liberdade. Os patriotas que marcham hoje sob a bandeira revolucionária de Prestes, são os continuadores, em novas condições históricas, dos «balaios» maranhenses. O que os «balaios» não conseguiram a terra para os cam-

poneses, a liberdade e o bem estar para o povo, podem e devem ser conquistadas nos nossos dias, quando todas as condições, internacionais e nacionais, são inteiramente favoráveis às forças populares. Inspiremos nos magníficos exemplos de combatividade dos «balaios» e marchemos para a conquista do governo democrático popular.

Libertação Nacional: Agora!

(Conclusão da 1.ª pag.)
gamento do jugo imperialista e dos traidores de nosso povo ou seremos reduzidos à escravidão colonial sob a bota das feras de Truman. E não vacilaremos. Faremos como os pernambucanos que, durante 26 anos de lutas, nunca deram um minuto de tréguas ao invasor holandês, até que conseguiram derrotá-lo e expulsá-lo do solo sagrado da pátria. Faremos como o povo da cidade do Rio de Janeiro que derrubou, em 1711, o governo de Castro Morais porque capitulou diante dos franceses entregando a cidade à pilhagem dos piratas de Duguay-Trouin.

Os camponeses lutarão pela posse da terra como já lutavam os cabanos; a classe operária lutará com a mesma tenacidade com que já lutava nas grandes greves de 1917 e 19; os intelectuais progressistas, os estudantes, o funcionalismo pobre, todos os patriotas lutarão para eger e ampliar a Frente Democrática de Libertação Nacional pelo Poder Democrático Popular com o mesmo heroísmo dos construtores da gloriosa ALN.

instante, contra a guerra imperialista contra o financiamento da agressão yanque, contra o envio de nosos irmãos e filhos para a morte na guerra de agressão. E nosso povo saberá lutar, hoje, como lutou no passado, com as mesmas cores e impondo sua vontade de paz, por uma verdadeira constituição brasileira que sempre condenaram as guerras de agressão.

NADA, ABSOLUTAMENTE NADA PARA A GUERRA IMPERIALISTA

O ESSENCIAL É LUTAR

Neste momento, a guerra nos bate às portas. Na verdade, a ditadura fantoche de Dutra já envolve o nosso país na guerra imperialista, apoiando moral e materialmente a monrfuosa agressão yanque contra a independência do povo coreano. Cinquenta milhões de cruzeiros foram, agora, pedidos pelo ditador ao Congresso para financiar os mercenários que fazem a guerra de Truman contra o heroico povo de Kim Ir Sen. Seis destróiers e dois cruzadores de nossa marinha de guerra estão com ordens de partir para as águas da Coreia, a fim de juntar-se às forças agressoras. Vinte mil soldados brasileiros estão sendo preparados para morrer pelas hienas de Wall Street. O luto e as lágrimas ameaçam iminentemente os lares brasileiros. Nosso povo está diante de um dramático dilema: a paz ou a guerra. E o povo escolherá a paz que deseja se lutar agora sem perder um

O essencial é lutar, hoje e não amanhã, no seio das grandes massas. Lutar desencadeando greves operárias e lutas camponesas, ações concretas em defesa da paz e contra os colonizadores yanques, pelas liberdades e contra a tirania assassina de Dutra. Lutar sem temer quaisquer sacrifícios para organizar a Frente Democrática de Libertação Nacional, para organizar as massas e lhes mostrar concretamente o caminho das lutas revolucionárias que Prestes indicou no Manifesto de Agosto. Para isso é preciso não vacilar: é preciso fazer greves e mais greves, levantar mais e mais lutas no campo, conduzindo-as até a tomada das terras dos latifundiários, ganhar as ruas, os navios e os quarteis para protestar contra o envio de soldados brasileiros à Coreia e exigir a expulsão de nosso território dos soldados yanques, não temer em ir até os combates parciais pelo Poder Democrático Popular. É preciso lutar, agora, e não depois, pela Libertação Nacional.

Comentário Nacional

(Conclusão da 1.ª pag.)

Já votaram contra a guerra imperialista, contra o envio de soldados brasileiros para a guerra de Truman na Coreia. Todos se desmascaram como inimigos rancorosos da classe operária e das massas camponesas ao apoiarem o desencadeamento da mais feroz repressão contra as greves de operários e dos colonos das fazendas de café. É porque o povo luta e torna cada vez mais difícil aos politiquieiros enganar as massas, que estes entram em novos e novos conchavos, para desferrar outros golpes contra o povo, a pretexto de impedir um «ambiente de agitação» durante a campanha eleitoral, mediante uma solução golpista, como a que vem sendo tramada sob a batuta do imperialismo francês entre Vargas e seus antigos parceiros do Estado Novo, Dutra, Góis Monteiro, e os generais fascistas.

Como agir, enquanto os politiquieiros vacilam entre o golpe de Estado e a realização de eleições?

Sabemos que nem eleições nem golpes de Estado modificam a situação de fome e miséria, de opressão e terror fascista, de ameaça de guerra e escravização sob o tacão yanque em que se encontra o nosso povo. Só as lutas revolucionárias de massas para pôr abaixo a ditadura de Dutra e o poder feudal-burguês das classes dominantes vendidas ao imperialismo yanque e para implantar o Poder Democrático Popular, podem solucionar os problemas do povo. Mas, para o desencadeamento dessas lutas é preciso mobilizar o povo para um combate diário pela paz e a independência nacional, pelo pão e pela terra, pelas liberdades democráticas e contra a tirania de Dutra. É preciso ar-

sinar o povo a lutar e a organizar-se para lutas maiores e mais vigorosas, dar ao povo a perspectiva imediata das lutas revolucionárias de libertação nacional. É preciso aproveitar todos os fatos diários, desde os menores aos mais importantes, para educar revolucionariamente as massas, organizá-las melhor e levantar lutas mais numerosas e mais profundas.

Por isso é que não vacilamos em participar da campanha eleitoral sob o regime ditatorial que aí está, não deixando o campo livre aos politiquieiros, e indicando ao povo candidatos populares capazes de defender em quaisquer circunstâncias o Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional, de fazer a mais intensa divulgação desse Programa e de ajudar a mostrar às massas a solução revolucionária para os seus próprios problemas. Lutaremos com todo o vigor pela eleição dos candidatos populares, mas sem perder de vista que o essencial é lutar no seio das massas para organizá-las nas fabricas e nas fazendas, nos bairros e nas vilas dentro dos Comitês Democráticos de Libertação Nacional, para levá-las às lutas grevistas, às lutas no campo, às ações concretas pela paz e contra o imperialismo, aos combates parciais pelo Poder Democrático Popular.

Assim é que aprofundaremos o desmascaramento dos politiquieiros, não os deixaremos mistificar nenhum setor popular e poderemos organizar e ampliar rapidamente a Frente Democrática de Libertação Nacional para responder à altura às tentativas golpistas, ao terror fascista que os dominadores tramam contra o povo. Participemos, pois, com todo o entusiasmo, da campanha eleitoral, mas sem esquecermos que ela, assim como as lutas grevistas pela reivindicação econômica e as lutas no campo por melhores contratos, deve ser um meio de pôr movimento no caminho das lutas revolucionárias de massas contra a tirania de Dutra.

Nova provocação de guerra lanque

Nota Enérgica da URSS Ao governo dos EE.UU.

Abatido pelos agressores lanques, em águas sob jurisdição da U. R. S. S., um avião soviético desarmado



JACOB MALIK

O Ministro de Exterior da União Soviética, Andrei Vichinski, em nome do Governo da URSS, entregou ao embaixador dos Estados Unidos em Moscovo uma nota de protesto contra a agressão armada de aviões norte-americanos a

um avião de treinamento soviético, em águas sob jurisdição da URSS, no Extremo Oriente. Diz a nota do governo soviético:

"Segundo informações que foram seriamente controladas, o governo so-

viético se acha na obrigação de declarar o seguinte:

"A 4 de setembro, às 12.44 hora local, um avião das forças armadas soviéticas desprovido de todo armamento de bordo ou de todo equipamento, efetuava um voo de treino entre Porto Arthur e a ilha Dayong Dao que faz parte da circunscrição de Porto Arthur e que se acha a 140 quilômetros do litoral coreano; esse avião foi atacado e abatido, sem nenhuma razão válida, por onze aparelhos de caça da aviação norte-americana. O avião soviético foi abatido e caiu no Mar Amarelo, a 8 quilômetros da ilha Dayong Dao. Dois outros aviões soviéticos que efetuavam com o aparelho abatido um voo de treinamento assim como um posto soviético de observação e ligação da ilha Dayong Dao foram testemunhas do ataque. Para mascarar esse ataque não justificado contra um avião soviético o representante dos Estados Unidos na ONU divulgou uma versão falsa segundo a qual o avião soviético se teria dirigido para a formação aérea dos Estados Unidos e teria aberto fogo contra aviões americanos. Na realidade, o avião não sobrevoou absolutamente nenhum navio da guerra americano e nem sequer tinha intenção de se aproximar, pois estava a distância de mais de 10 quilômetros. Como

foi dito precedentemente, esse avião realizava um voo de treinamento e, portanto, não ouseria, de modo algum, fazer fogo contra aviões de caça americanos, e foi abatido sem nenhuma justificativa, em consequência do ataque dos onze aparelhos de caça norte-americanos. O governo soviético repete categoricamente a versão americana e protesta energeticamente junto ao governo dos Estados Unidos contra esse crime cometido pela aviação militar norte-americana. O governo soviético responsabiliza os Estados Unidos pela ação criminosa das autoridades militares americanas, que se tornaram culpadas de violação flagrante das regras elementares do Direito Internacional e insiste sobre a necessidade de ser aberto inquérito severo e punidos rigorosamente os responsáveis por esse ataque. Exige, além disso, que o prejuízo causado pela perda do avião e a morte de seus três tripulantes seja reparado. O governo soviético acha igualmente necessário chamar a atenção do governo dos Estados Unidos sobre as graves consequências que comportam para os Estados Unidos tais atos da parte das autoridades militares norte-americanas"

MALIK NO CONSELHO DE SEGURANÇA

No Conselho de Segurança

da ONU, no dia 6 de setembro, o representante soviético Jacob Malik entregou a nota enviada pelo governo soviético ao governo dos Estados Unidos e pediu que se procedesse à sua leitura.

Frisou Malik, depois de lido o importante documento, que não pedia a discussão da questão no Conselho de Segurança, pois se trata de um assunto que diz respeito direta e exclusivamente aos governos da União Soviética e dos Estados Unidos.

SOLIDARIEDADE

A URSS

A nova ação agressiva dos Estados Unidos é da maior gravidade. Revela que realmente a paz mundial está por um fio. Os cambios de Truman multiplicam suas provocações de guerra a cada dia. Depois de terem invadido a Coreia e ocupado o território chinês de Formosa, acabam de realizar dois bombardeios de localidades chinesas na Manchúria, matando e ferindo

de cidadãos chineses.

O ataque ao avião soviético no Pacífico reedita a provocação torpe de abril deste ano no Mar Malico, quando um aparelho militar armado dos Estados Unidos invadiu o território da União Soviética. E vem alertar os partidários da paz do mundo inteiro para atvarem sua luta em defesa da paz, sem perda de um minuto sequer.

Os imperialistas são capazes dos crimes mais horrendos, como estão demonstrando na Coreia e Imperioso e urgente opor-lhes um BASTA! fazê-los recuar da senda da agressão aberta que empreendem. A solidariedade ativa à gloriosa União Soviética, baluarte da paz mundial, é o dever sagrado de todos os combatentes da paz em todos os países. Protestos devem ser levantados em todo o dia, através das organizações de massa, democráticas e patrióticas, e enviados à ONU, demonstrando o repúdio do nosso povo aos monstruosos atos agressivos dos bandos imperialistas do Estado Unidos.



Os choques armados pela Independência que se travaram no norte do Brasil, no Pará, Maranhão, e principalmente na Bahia, revestem-se de um caráter genuinamente popular.

Não foram apenas os senhores de engenho, comerciantes e latradores que estiveram à frente das ações de massas e da luta armada que culminou com a derrota e expulsão dos colonizadores portugueses de nosso solo, mas fundamentalmente os homens do povo, as pessoas das camadas pobres da população, pequenos proprietários de terras, lavradores de roças, ferreiros, carafates, pescadores, empregados na indústria de sal, empregados das "armadas" de baleia, escravos dos "contratos" e escravos empregados nas plantações de fumo e açúcar, que eram destemidos combatentes ou eram utilizados na tarefa de transportar tropas a tempo para as abordagens silenciosas da noite. O batalhão Henrique Dias compunha-se de mil e cem crioulos. Nas cidades do Recôncavo e nas ilhas não era menor o contingente de homens de cor, filhos leais de nosso povo que ansiavam pela emancipação e o direito de viver à sua maneira, sem a odiosa tutela do opressor português.

Dois figuras de homens do povo ressaltam nas lutas da Independência, dirigindo os mais duros combates, sem medir sacrifícios e levando nossas armas à vitória, de choque em choque, com o talento militar e o ardor patriótico que somente as causas justas dão aos lutadores. Antonio de Souza Lima, filho de camponeses, que se fez um general do povo em armas, chefio a defesa dos principais pontos estratégicos das áreas de luta e teve seus serviços reconhecidos com a promoção ao posto de brigadeiro honorário do Exército Libertador. E João Francisco de Oliveira, Bottas, popularmente conhecido como João das Bottas, o grande guerrilheiro naval, que manteve as comunicações por mar dos patriotas do Recôncavo com o governo central à custa de audaciosas sortidas e de cerrados combates em condições inferiores, mas nos quais sempre logrou a vitória.

João das Bottas, passado muito mais de um ano, ainda hoje vive na imaginação do povo. Ce-

O Guerrilheiro da Independência

AYDANO DO COUTO FERRAZ

cado da legenda que o tempo não conseguiu esmaecer, seus feitos ainda são lembrados com entusiasmo e gratidão pela gente pobre e oprimida que nele enxerga um legítimo herói popular. Isso acontece porque João das Bottas, no princípio de sua vida heroica um simples contramestre do cais do Arsenal de Marinha da Bahia, encarnou a dignidade e a honra de nosso povo na luta sagrada para sacudir o jugo colonizador português. Isso acontece porque o guerrilheiro naval da Independência traduziu nossas aspirações e interesses naquela época, não medindo esforços nem poupando sacrifícios para a expulsão do inimigo que ocupava o solo brasileiro, adaptando inteligentemente a luta às condições existentes, agindo com a audácia e bravura que só tem o povo em armas.

Nas lutas da Independência há uma lição histórica a aprender. A esquadra portuguesa, que possuía uma grande superioridade numérica sobre nossos barcos, atacou a ilha de Itaparica, chave das comunicações do Recôncavo com o sul da Bahia e com o Rio de Janeiro, empregando a experiência extraída de ataques semelhantes, feito em 1746, pelas forças brasileiras contra os holandeses que tinham ali o seu baluarte defensivo, sob o comando do general Segismundo van Skopp. Em 1823, o comando inimigo estudara os métodos de luta empregados pelo mestre de campo Francisco Rabelo, um dos heróis de nossa luta contra o domínio holandês. A esquadra portuguesa fez-se de vela do porto da Bahia, certa da vitória. Bombardeou as posições de Itaparica em diferentes pontos da costa, principalmente em Amoreiras. Destruziu e incendiou casas da pequena povoação. A princípio, as

baterias de terra responderam. Depois o fogo de terra cessou. Mas no momento em que as lanchas de desembarque se fixaram para a terra, os soldados da Independência, saindo dos esconderijos nas matas, como haviam feito no combate de Funil, onde haviam poupado munições e atacado o inimigo de emboscada, respondiam com terrível fuzilaria às embarcações atacantes disimando os portugueses. As bordas das lanchas de desembarque eram baixas e os tiros iam diretos aos alvos, colorindo o mar de sangue. A esquadra portuguesa retrocedeu e essa derrota abriu o caminho a uma série de vitórias das forças libertadoras que tiveram em João das Bottas o seu intrepido comandante naval.

Por que empregando uma tática que antes dera resultado, os portugueses não conseguiram então reproduzir o feito de um século e meio antes? Porque a causa que eles agora defendiam era uma causa injusta, sem apelo popular, a infame causa da colonização. A guerra por eles travada era uma guerra anexionista. Desta vez ainda a história estava a favor das forças brasileiras, do nosso direito a ser uma nação livre, dos nossos interesses e justas aspirações. Esta a lição a tirar desse episódio das lutas armadas da Independência. A lição de que um povo, quando luta por uma causa justa, é invencível, por mais brutal e selvagem que seja a agressão, por mais forte que seja o poderio contra ele lançado. É a lição que nos dá a China, a Coreia e os povos asiáticos, em nossos dias. A lição que poremos em prática quanto antes hoje e não amanhã, atendendo ao apelo do grande Prestes no sentido de expulsarmos os ocupantes americanos, suas missões militares e "técnicas", seus espies e policiais.

(Conclui na pag. central)